

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
FACULDADE DE BIBLIOTECONOMIA E COMUNICAÇÃO
COMUNICAÇÃO SOCIAL - PUBLICIDADE E PROPAGANDA

HILLARY MARNIERY DA ROSA PEDROSO

Identidade de dentro pra fora:
análise de relatos no canal da youtuber Camilla de Lucas que falam
sobre transição capilar

Porto Alegre
2021

HILLARY MARNIERY DA ROSA PEDROSO

Identidade de dentro pra fora:

análise de relatos no canal da youtuber Camilla de Lucas que falam sobre transição capilar

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul como requisito parcial à obtenção do grau de Bacharel em Comunicação Social - Habilitação em Publicidade e Propaganda.

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Laura Wottrich

Porto Alegre
2021



UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
FACULDADE DE BIBLIOTECONOMIA E COMUNICAÇÃO

AUTORIZAÇÃO Autorizo o encaminhamento para avaliação e defesa pública do TCC (Trabalho de Conclusão de Cursos) intitulado Identidade de dentro pra fora: análise de relatos no canal da youtuber Camilla de Lucas que falam sobre transição capilar, de autoria de Hillary Marniery da Rosa Pedroso, estudante do curso de Comunicação Social - Publicidade e Propaganda, desenvolvido sob minha orientação.

Porto Alegre, 05 de Novembro de 2021.

Laura Wottrich

AGRADECIMENTOS

Primeiramente gostaria de agradecer a minha mãe, minha maior inspiração, a mulher que me criou, educou e formou, sendo a minha maior e mais potente referência de uma mulher preta e forte, sem ela eu com certeza não estaria aqui nem concluiria essa etapa hoje. Agradeço com o meu coração pulsando, a minha filha Heloise e o meu parceiro de vida, Petryck. A Helo é a conclusão dessa pesquisa, faz parte da geração que eu quero ver se amando e respeitando, ela é potente com sua voz, e mesmo tão pequena, sábia nas suas escolhas. O Petryck vem sendo a minha base nos últimos 9 anos, meu apoio em tudo o que eu faço, me dá a certeza de ter alguém com quem eu sempre vou poder contar. Eu amo, imensuravelmente, vocês três.

Quero agradecer à família que me acolheu, a Márcia, ao Tom e a Kisy, de forma especial. Vocês três estiveram comigo em cada etapa desse processo, em cada momento de frustração, me ajudaram a concluir essa etapa, seja cuidando da Helo enquanto eu escrevia, ou me convidando pra um café quando eu não conseguia escrever. Eu amo fazer parte da família de vocês.

Minha família é formada por mulheres fortes, e eu tenho um orgulho imenso de ter em mim cada uma delas, minhas tias e primas, esse trabalho conta um pouco de cada uma de vocês, obrigada por serem fonte de inspiração, um porto seguro e por acreditarem e apoiarem tanto a minha trajetória. Eu amo cada uma de vocês.

Agradeço a toda base educacional que eu tive, estudando sempre em escolas públicas. As Escolas Dagmar de Lima Mucillo, Carlos Wilkens, Rodrigues Alves e Presidente Kennedy, cada uma, cada professor, colegas e funcionários, construíram a base da formação que eu tenho hoje, e serei eternamente grata por isso.

Meu início de trajetória acadêmica na UFRGS não teria sido o mesmo se não tivesse duas pessoas, quando ainda em outro curso, me deram uma força absurda pra seguir em frente, a Thuanny e a Mirella, obrigada por todas às noites viradas lá em 2012, por serem meu apoio em momentos de desespero, por serem essas amigas incríveis. Obrigada por tanto.

Dentro da Fabico agradeço à todos os professores que me formaram, em especial a minha orientadora Laura, que entre inícios e desistências de concluir este trabalho, nunca descreditou que eu era capaz de escrever ele, esteve sempre do meu lado e cada palavra e conselho que ouvi nesse período, estão marcados em mim, muito obrigada.

Dentro da Fabico reencontrei uma das principais responsáveis por eu ter terminado essa pesquisa, a Pâmela veio como um bote salva vidas em momentos de caos, me entende tão bem que é como se a gente nunca tivesse se “desencontrado”. Pam, eu não tenho nem palavras pra dizer o quão importante tu foi nesse processo, mas um muito obrigada é a síntese do eu eu sinto.

Aos meus amigos e familiares, às minhas antepassadas, à cada pessoa que acredita em mim, meu muito obrigada, tenham certeza que cada um de vocês está presente aqui.

*Já me perdi tentando me encontrar
Já fui embora querendo nem voltar
Penso duas vezes antes de falar
Porque a vida é louca, mano, a vida é louca*

*Sempre fiquei quieta, agora vou falar
Se você tem boca, aprende a usar
Sei do meu valor e a cotação é dólar
Porque a vida é louca, mano, a vida é louca*

Música "Dona de Mim", da cantora Iza

RESUMO

Esta pesquisa tem como objetivo compreender de que forma a retomada pelo uso dos cabelos crespos possibilitou a construção de uma nova perspectiva da mulher preta acerca da sua identidade. Utilizando um recorte mais específico para a compreensão deste cenário, tal pesquisa busca entender esse objetivo através de um vídeo sobre transição capilar da youtuber Camilla de Lucas, vislumbrando a compreensão dos processos de identificação que o mesmo causou com as suas seguidoras, bem como essas relataram as suas próprias vivências através dos comentários. Sendo então os objetivos específicos: analisar o vídeo da youtuber Camilla de Lucas em que a mesma depõe sobre o seu processo de transição capilar; identificar os comentários com tom de depoimento/relato; analisar os processos de identificação que se dão através dos relatos que falam sobre transição capilar; analisar os depoimentos, através de referencial teórico, investigando os processos de construção identitária destes relatos. A construção teórica desta pesquisa foi feita utilizando somente referências de autoras e autores pretos, sendo alguns desses Stuart Hall (2018 e 2020), Grada Kilomba (2019), Beatriz Nascimento (2021), entre outros. Esta pesquisa buscou resgatar conhecimentos afro centrados, onde trouxe uma definição ancorada sob outras origens de conhecimento do termo *relato*. O autor Amadou Hampâté Bâ (2003) nos auxilia na compreensão de uma nova origem de conhecimento. Na análise desta pesquisa, utilizou-se da análise de conteúdo e de representação, ancorando-se no autor Stuart Hall para tal, buscando compreender os sentidos acionados no vídeo da youtuber e nos comentários que vieram a seguir. Entendeu-se que todas as implicações levantadas na construção teórica, perpassou ao longo dos anos e construiu a formação identitária que a mulher preta tem sob si hoje, onde esta busca ressignificar este local de pertencimento, e trazer para si a construção das suas próprias narrativas.

Palavras-chave: Mulher Negra, Mulher Preta, Cabelo Crespo, Youtube, Transição Capilar, Identidade Negra, , Identidade Preta, Camilla de Lucas

ABSTRACT

This research aims to understand how the resumption of the use of curly hair allowed the construction of a new perspective of black women about their identity. Using a more specific cut to understand this scenario, this research seeks to understand this objective through a video on capillary transition by youtuber Camilla de Lucas, envisioning the understanding of the identification processes that it caused with their followers, as well as those reported their own experiences through the comments. Therefore, the specific objectives are: to analyze the youtuber Camilla de Lucas video in which she testifies about her hair transition process; identify comments with a testimony/report tone; analyze the identification processes that take place through the reports that talk about capillary transition; analyze the testimonies, through a theoretical framework, investigating the processes of identity construction of these reports. The theoretical construction of this research was carried out using only references from black authors, including Stuart Hall (2018 and 2020), Grada Kilimba (2019), Beatriz Nascimento (2021), among others. This research sought to rescue centered Afro knowledge, where it brought a definition anchored on other sources of knowledge of the term report. Author Amadou Hampâté Bâ (2003) helps us to understand a new source of knowledge. In the analysis of this research, content analysis was used to understand the meanings triggered in the YouTube video and in the comments that followed. It was understood that all the implications raised in the theoretical construction, permeated over the years and built the identity formation that black women have under themselves today, where they seek to reframe this place of belonging, and bring to themselves the construction of their own narratives.

Keywords: Black Woman, Curly Hair, Youtube, Hair Transition, Black Identity, Camilla de Lucas

LISTA DE FIGURAS

Figura 1	- Tabela com relação entre salário vs cor da pele com recorte de gênero	17
Figura 2	- Pesquisa pelo termo “transição capilar”	33
Figura 3	- Classificação da curvatura dos fios	37
Figura 4	- Canal da Youtuber Camilla de Lucas	52

TABELAS

Tabela 1: Sentidos acionados no vídeo

53

APÊNDICES

Apêndice 1 - Comentários extraídos do vídeo

80

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	13
IDENTIDADE E RAÇA	20
Identidade da Mulher Preta	23
Representação do corpo	26
Meu corpo, minhas regras: políticas de empoderamento	28
FIO A FIO - TRANSIÇÃO CAPILAR E O RECONHECIMENTO	31
Transição Capilar	32
Esferas de identidade através do cabelo	38
RELATOS	40
Oralidade Ancestral	40
Relatos como forma de ressignificação	44
Relatos no ambiente digital	47
METODOLOGIA E ANÁLISE	50
“Hello Guys” - contexto e análise do vídeo	51
Sentidos de representação acionados	52
Reconhecimento - Análise dos comentários do vídeo	58
Identidade - Análise dos processos de construção identitária	69
CONSIDERAÇÕES FINAIS	74
REFERÊNCIAS	78

1. INTRODUÇÃO

Historicamente sabe-se o quanto a escravidão e todos os processos de anulação que a mesma exerce sobre as pessoas pretas acarretou nas mais diversas formas de apagamento e anulação destes indivíduos. Angela Davis traz em seu livro *Mulher, Raça e Classe* uma importante reflexão sobre os processos que faziam com que as mulheres pretas tivessem o seu papel e identidade apagados, sem direito à reivindicações:

Em toda a história deste país, as mulheres negras manifestaram uma consciência coletiva da sua vitimização sexual. Elas também compreenderam que não podiam resistir adequadamente aos abusos sexuais que sofreram sem simultaneamente atacar a condenação fraudulenta de violação como um pretexto de linchamento. A confiança na violação como um instrumento de terror da supremacia branca é anterior em vários séculos à institucionalização do linchamento. Durante a escravatura, o linchamento do povo negro não ocorreu extensivamente – pela simples razão que os donos de escravos eram relutantes em destruir a sua valiosa propriedade. Chicotear, sim, mas linchar, não. Em conjunto com o chicote, a violação era o terrível método eficiente de manter a mulher negra bem como o homem freados. Era uma arma rotineira de repressão. (DAVIS, 2013, p. 132)

Com isso, entende-se que as mulheres pretas acabam por enfrentar a discriminação de raça e gênero sob os mais diversos aspectos, perpassando pelas teorias de que pretas são mais adeptas ao sexo, de que são boas em parir filhos e que aguentam trabalhos braçais. Estas ouvem, desde muito novas, que a cor da sua pele deve ser clareada, que seu nariz deve ser afinado e que o seu cabelo deve ser alisado.

A construção identitária dessas mulheres é quebrada e alterada, elas são vistas e postas em um patamar inferior, como se a sua identidade não pudesse ser revelada ao mundo. Seus cabelos crespos sofrem com o apagamento, e estas mulheres com a perda de mais um referencial identitário, como aponta Ivanilde Mattos:

Na contemporaneidade, podemos vislumbrar um outro tempo, não menos racista e discriminatório, mas de uma diversidade estética mais contemplativa, em que principalmente se observa a insurgência dos cabelos crespos e naturais numa nova construção de estima e pertencimento. (MATTOS, 2015, p. 40)

Para além de todas as implicações que o período escravocrata provocou e continua provocando nas representações do corpo da mulher preta, gostaria de colocar em foco a percepção que esta mulher preta tem da sua própria representação. O amor e autocuidado com seu corpo, a forma com que se enxerga e como enxerga aquelas que se assemelham a ela, além de ser um grande esforço sair deste imaginário de padrões que são comumente expostos, há ainda o fato desse auto amor ser demasiadamente perigoso. Romper essas barreiras é ir contra todo um capital social que produz, distribui e lucra em cima desses estereótipos, como exemplifica Winnie Bueno no trecho abaixo do seu livro *Imagens de controle*:

A partir deste diagnóstico é possível compreender por que a autodefinição de mulheres negras é um tema ainda tão relevante para o pensamento feminista negro. Ainda hoje somos compelidas a negociar aspectos importantes de nossas vidas para que possamos sobreviver. Resistir às definições externas que são mobilizadas para o controle dos nossos comportamentos e corpos, buscando a manutenção de exercer nossas autonomias, é fundamental para desconstruir a ideia de mulheres negras como o outro da sociedade. (BUENO, 2020, p. 124)

Esta pesquisa também busca entender de que forma as novas tecnologias e o acesso a uma rede de comunicação mais "inclusiva" possibilitou uma nova forma de moldar a construção identitária das mulheres pretas, desta vez pautada pelo reconhecimento e aceitação. Os questionamentos que passaram sobre o problema de pesquisa foram pautados sobre o amplo aspecto e tentativa de resposta de "Como é o desenvolvimento identitário das mulheres pretas brasileiras?", pergunta esta que norteia, em grande parte, esta construção. Ainda em busca de respostas, entender como essas mulheres pretas lidam com a pressão social em cima de seus cabelos crespos e cacheados fez-se importante e necessário ao refletir sobre quais aspectos eram comumente usados para a inferiorização da mulher preta brasileira.

Tal inquietação desenvolveu-se dentro de um contexto de aproximação pessoal com o objeto, na tentativa de compreender se as mulheres pretas falavam sobre suas angústias nas redes sociais e se seus cabelos estavam dentro destes relatos. Aproveito e trago um trecho do livro de Grada Kilomba, no qual a autora relata esta mesma aproximação com sua pesquisa:

A escolha na pesquisa de mulheres negras de idade e classe semelhantes às minhas torna possível gerar conhecimento a partir de relações de poder mais igualitárias entre pesquisadora e pesquisada. (KILOMBA, p. 83, 2019)

É com base nisto que o problema desta pesquisa desenvolveu-se, buscando compreender de que forma estas identidades são construídas e como o cabelo tem sido uma importante chave para essa construção, sendo o questionamento central desta pesquisa: *“De que forma os relatos, através de comentários de vídeos no youtube sobre transição capilar, pautam a construção identitária da mulher preta?”*

Buscando um recorte mais específico, e entendendo que esta monografia não conseguiria alcançar tantos vídeos quantos os que estão disponíveis hoje na plataforma, a pesquisa teve como foco um vídeo, o qual, para esta escolha, utilizei os seguintes critérios: a) deveria ser produzido por uma youtuber preta; b) deveria ter como tema principal o processo de transição capilar; c) deveria ter comentários em tom de depoimentos em quantidade suficiente para que seja possível uma análise completa do objeto. A partir de uma pesquisa exploratória junto a dezenas de canais na plataforma, foi escolhido o vídeo “SAI DO BELEZA NATURAL E O ESTADO DO MEU CABELO! | TRANSIÇÃO CAPILAR”, da youtuber Camilla de Lucas. O vídeo é uma narrativa sobre o motivo pelo qual a youtuber decidiu deixar o salão que frequentava (Salão Beleza Natural) e o porquê desta decisão ter impactado diretamente no seu processo de transição capilar.

Para responder o problema de pesquisa, o objetivo geral busca compreender, através da análise dos relatos com tom de depoimento/relato nos comentários do vídeo da youtuber Camilla de Lucas sobre transição capilar, como se deu o processo de construção identitária destas seguidoras, buscando entender os sentidos

acionados nos processos de transição capilar a partir de suas vivências. Já os objetivos específicos são:

- a) Analisar o vídeo da youtuber Camilla de Lucas em que a mesma depõe sobre o seu processo de transição capilar;
- b) Identificar os comentários com tom de depoimento/relato;
- c) Analisar os processos de identificação que se dão através dos relatos que falam sobre transição capilar;
- d) Analisar os depoimentos, através de referencial teórico, investigando os processos de construção identitária destes relatos.

O principal ponto de partida para a escolha deste objeto de pesquisa foram todas as inquietações pessoais que tive nos últimos anos em relação a como me via como mulher preta e como outras mulheres se enxergavam como tal.

Partindo deste ponto de vista pessoal e olhando as mulheres pretas que me cercavam, observei que existia um padrão extremamente vinculado às interseccionalidades entre gênero e raça, que competiam exclusivamente às mulheres pretas, padrão este que não era benéfico, tão pouco louvável para essas mulheres.

Sabe-se que os preconceitos racial e de gênero já estão postos no Brasil. Mulheres ocupam cargos inferiores, são maioria nas universidades, mas recebem menos pela mesma função, têm jornadas de trabalho mais duras, pois têm que cuidar dos filhos e da casa ao chegarem de suas ocupações “formais”. Corroborando com essa perspectiva, podemos evidenciar no quadro abaixo, conforme estudo feito pelo Insper¹, que de forma geral a população preta e parda ganha bem menos que a média salarial de pessoas brancas.

¹ Instituto de Ensino e Pesquisa, sem fins lucrativos. Material disponível em: www.insper.edu.br/wp-content/uploads/2020/07/Policy-Paper-45.pdf

Figura 1 - Tabela com relação entre salário vs cor da pele com recorte de gênero**Tabela 9 - Salário Médio de Pessoas com ao menos o Ensino Médio (a R\$ do 3º trim de 2019) - 2016 a 2018**

Dependência Administrativa	Homens Brancos	Mulheres Brancas	Homens Pretos e Pardos	Mulheres Pretas e Pardas
Público	3.380,06	2.310,88	2.294,17	1.643,21
Privado	7.212,36	4.963,59	4.614,94	3.273,85

Fonte: PNAD Contínua Suplementar de Educação/IBGE. Elaboração própria.

Tabela 10 - Salário Médio de Pessoas com Ensino Superior (a R\$ do 3º trim de 2019) - 2016 a 2018

Dependência Administrativa	Homens Brancos	Mulheres Brancas	Homens Pretos e Pardos	Mulheres Pretas e Pardas
Público	7.891,78	4.739,64	4.750,58	3.047,01
Privado	6.626,84	4.128,25	4.476,63	2.902,55

Fonte: PNAD Contínua Suplementar de Educação/IBGE. Elaboração própria.

Fonte: IPEA (acesso em: 28 out. 2021)

Este recorte deixa claro que as mulheres sempre foram a base, sendo sempre enxergadas como tal, porém ao analisarmos dentro da perspectiva da cor da pele, entendemos que as mulheres brancas possuem este privilégio frente às mulheres pretas e até homens pretos. Logo, de uma forma ampla, considerando os aspectos de gênero e raça, as mulheres pretas entram como a base da base, onde historicamente ocupam os subempregos, sendo condicionadas, do período escravocrata até agora, a papéis tidos como inferiores dentro da sociedade, logo não usufruem dos privilégios que são dados, por um exemplo, às mulheres brancas.

Todo este processo de apagamento e invisibilidade que vem de muitos anos, causa, ainda hoje, transtornos e dificuldades de se construir como mulher preta. Como se constroi identitariamente uma mulher preta, quando tudo que se ouve é sobre como você deveria tentar afinar seu nariz, ou sobre como usar bases e pós mais claros para não parecer tão preta, e ainda sobre como cabelos lisos são tão mais bonitos e melhor aceitos na sociedade? Como se constrói uma identidade quando tudo o que se faz é retirar destas mulheres seus traços e características próprias?

Os movimentos que surgiram no contrafluxo como forma de aceitação e de luta demonstram que muitas coisas vêm mudando. Deixar de aceitar este ideal de beleza imposto e construir, olhando umas para as outras, um ideal próprio de beleza

é uma das premissas de tudo aquilo que se idealiza dentro da população preta na tentativa de sempre reforçar termos como *Ubuntu*² - *Sou o que sou, pelo o que nós somos*.

De todos esses movimentos por uma nova forma que a mulher preta tem encontrado para se construir identitariamente, deixar de alisar seu cabelo tem sido tema de debate e pauta nos mais diversos meios da nossa cultura, onde a discussão também atinge todas as faixas sociais e de idade deste grupo. Partindo do pressuposto de que quem autoriza a mudança na textura natural dos cabelos crespos/cacheados são, em sua maioria, as mães de crianças pretas - responsáveis pelos relatos que serão apontados nesta pesquisa - pode-se dizer que este processo se inicia ainda na infância e que a mudança no pensamento dessas mulheres pode acarretar diretamente na construção da identidade destas crianças.

Quando se fala que construir algo, e quando este algo é o modo como alguém se vê e se percebe como indivíduo, as consequências de uma construção identitária pautada no silenciamento e na anulação daqueles aspectos que te caracterizam como indivíduo pertencente a uma sociedade podem acarretar nos mais incontáveis transtornos, como a baixa auto estima, por exemplo.

A mudança no pensamento individual sobre a forma como as mulheres pretas vêem seus cabelos e a forma com que elas transmitem esta nova percepção de si mesmas gera uma reação em cadeia, “sendo assim, o cabelo como parte de um corpo social, pode ser utilizado para melhor compreensão das relações entre o preto e a sociedade.” (SANTOS, 2015, p.3)

Tal pesquisa, com um recorte, que do ponto de vista acadêmico pode parecer específico, mas que socialmente tem um poder de alcance muito grande, torna-se ainda mais relevante, estando esta inserida em uma universidade que, até pouco tempo atrás, possuía maioria de alunos brancos, em que aspectos como os aqui citados não fazem parte do cotidiano desta maioria desses discentes.

² Maiores Informações sobre a história e uso do termo podem ser encontradas em: <https://www.geledes.org.br/ubuntu-filosofia-africana-conceito-de-humanidade-em-sua-essencia/>

Dados gerados pelo IPEA³ mostram que o acesso da população que se considera preta ou parda ao ensino superior público, pela primeira vez, esteve acima do acesso de pessoas brancas. O contexto social desta mudança é o reflexo direto das políticas de cotas, implementadas pela Lei nº 12.711/2012. Entendendo que o acesso ao ensino superior ainda é do campo de muito privilégio, a população preta adentrar nesses espaços possibilita mudanças na estrutura do sistema. Pois, quanto mais pessoas pretas formadas com nível superior, mais profissionais no mercado de trabalho nesta perspectiva, logo, as disparidades sobre acessos e condições de trabalho passam a ser pautas urgentes nestas conjunturas.

Pretendendo trazer à luz um tema tão atual, com raízes no período escravocrata, esta pesquisa coloca a mulher preta como protagonista da sua vida, enfatizando e dando base para demonstrar o quanto esta escolha por voltar a usar os fios de cabelo do modo natural é base para seu fortalecimento e construção como mulher preta dentro da sociedade.

Visando contribuir com a diversificação de temas e assuntos apresentados, esta pesquisa também carrega o objetivo de trazer novos autores que conversam com os mais diversos temas e que circundam com a comunicação, sendo todos aqui citados como referencial teórico mulheres e homens pretos. No segundo capítulo, buscarei compreender as questões pertinentes a identidade e raça, trazendo questões históricas que discorrem sobre o tema. No capítulo três, trago as perspectivas em relação ao cabelo e a transição capilar em si, mostrando os dados e levantamentos para deixar elucidado os pontos que serão necessários para a análise. No quarto capítulo, trago a perspectiva dos relatos, buscando na ancestralidade o suporte necessário para que seja possível a compreensão do ponto de vista desta narrativa. Já no quinto, percorro a análise e discorro sobre os pontos que me fizeram escolher por este vídeo em questão, bem como ancorar os comentários que balizam a construção dessa pesquisa.

³ IPEA - Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada. Material disponível em: www.ipea.gov.br/portal/images/stories/PDFs/TDs/td_2569.pdf

2. IDENTIDADE E RAÇA

A abordagem deste capítulo visa colocar luz sobre aspectos históricos e sociais, temáticas e tratativas que discorrem sobre quais fatores e momentos históricos foram relevantes e decisivos para a base da construção identitária da mulher preta do momento presente. Tais discussões serão tratadas através do diálogo e contextualização entre autoras e autores que abordam desde os momentos históricos até as implicações da raça e do gênero, bem como a construção da identidade, sendo cada abordagem tratada dentro de um período histórico, porém contextualizados dentro de uma realidade atual.

As construções identitárias formadas em torno da negritude são aspectos fundamentais na percepção das pessoas pretas como indivíduos e perpassam toda a vivência histórica que o povo preto carrega desde que chegou, escravizado, ao Brasil. Ainda que, durante todos esses anos, as vivências como grupo social sejam particulares, e que tais sejam divergentes da construção social de tantos outros grupos marginalizados no Brasil, como os indígenas, ainda assim é muito difícil encontrar registros históricos que retratam o povo preto brasileiro em uma perspectiva fora dos marcadores geográficos e socioeconômicos.

Em *“Por uma história do homem negro”*, do livro compilado de artigos e pensamentos de Beatriz Nascimento, a autora traz uma importante reflexão sobre essa temática: “Não será possível que tenhamos características próprias, não só em termos “culturais”, sociais, mas em termos humanos? Individuais? Creio que sim. Eu sou preta, penso e sinto assim” (2021, p. 40).

A falta de interesse da classe científica pela pesquisa e registro de estudos que circundam as capacidades, a inteligência, a cultura e as mais diversas formas de expressão do povo preto ocasionou uma redução simplória sobre a sua existência. Reduzir a população preta a números e colocá-la sob um marcador de raça inferior é, para além de uma política de invisibilidade, faz parte da base racista sobre a qual o Brasil se desenvolveu.

O conhecimento é um mecanismo de poder. Grada Kilomba reflete sobre como tal mecanismo foi, e segue sendo, usado ora como política de invisibilidade,

ora como uma invalidação da história contada pelos descendentes daqueles que viveram dela. A anulação do conhecimento de pessoas pretas que circulam e dão voz às histórias e narrativas anteriormente apagadas faz parte dessa sistemática branca e colonial sobre o apagamento dos corpos pretos, que também se dá através de uma história contada por “intelectuais” brancos.

As estruturas de validação do conhecimento, que definem o que é erudição “de verdade” e “válida”, são controladas por acadêmicas/os brancas/os. Ambos homens e mulheres, que declaram suas perspectivas como condições universais. (KILOMBA, 2019, p.53).

As mulheres pretas, dentro do recorte histórico do colonialismo, vivenciaram além da invisibilidade e mazelas da raça, as implicações do gênero. Eram vistas e usadas com seu trabalho braçal tanto quanto um homem preto, mas eram abusadas e estupradas quando assim convinha aos senhores de escravos. Tendo um papel fundamental nas construções das lutas dentro deste contexto, coube às mulheres a força e determinação na busca pelos direitos do povo escravizado.

Quando a verdadeira história da causa antiescravagista for escrita, as mulheres ocuparão um vasto espaço em suas páginas; porque a causa das pessoas escravas tem sido particularmente uma causa das mulheres. (DOUGLAS apud DAVIS, 2016, p.43).

A origem, a raça, as características que fazem uma pessoa ser ou não preta, perpassam, durante os séculos, por todas as terríveis experiências, resumidamente descritas aqui, que a escravização infligiu às pessoas escravizadas e seus descendentes. Busco com isso trazer ao foco as implicações que este período teve na construção de uma identidade única e coletiva dessas pessoas e comunidades.

Segundo o dicionário Oxford, o termo “Identidade” é definido como um: “conjunto de características que distinguem uma pessoa ou uma coisa e por meio das quais é possível individualizá-la” (Definição Editora OXFORD)⁴. Indo um pouco além na definição do que é identidade, “trago os conceitos de Stuart Hall em seu livro *A identidade cultural na Pós Modernidade*, no qual ele aborda e divide a identidade em três concepções diferentes: “sujeito do iluminismo, sujeito sociológico

⁴ Buscador Google. “Dicionário Online.” Oxford Languages and Google, Editora Oxford Languages. Disponível em: <https://languages.oup.com/google-dictionary-pt/>. Acesso em 18 Outubro 2021.

e sujeito pós moderno.”(HALL, 2020, p.7) Entendendo e colocando em voga, alinhando e pensando cada sujeito com o objeto desta pesquisa, entendo que aquele que mais se alinha com as concepções acerca da construção identitária das mulheres pretas, neste objeto de pesquisa, seja o *sujeito pós-moderno*.

A definição do sujeito pós-moderno vai ao encontro do momento histórico e das características que acompanham a formação da identidade da mulher preta. Ainda que, sob minha ótica, essa construção esteja ancorada em vias muito mais complexas, a leitura do sujeito pós moderno é a que melhor se adequa nesta conjuntura:

...o sujeito pós-moderno, conceitualizado como não tendo uma identidade fixa, essencial ou permanente. A identidade torna-se uma “celebração móvel”: formada e transformada continuamente em relação às formas pelas quais somos representados ou interpelados nos sistemas culturais que nos rodeiam (Hall, 1987). É definida historicamente, e não biologicamente. O sujeito assume identidades diferentes em diferentes momentos, identidades que não são unificadas ao redor de um “eu” coerente. (HALL, 2020, p.8)

Dando luz sobre a definição de identidade que direciona este projeto, coloco este conceito ao momento histórico da escravização. O que reflete em alguns questionamentos acerca de como se daria a construção de uma identidade através de sistemas culturais, quando perpassa sob essas pessoas realidades de dor e sofrimento? Enxergar-se identitariamente esteve, neste momento histórico, ancorado em uma narrativa histórica de busca pela liberdade. Alguns escravizados já viviam a sua liberdade, outros já nasciam livres, ainda que, a maioria destes, gozassem dessa liberdade buscando tornar livres os demais.

Em 13 de Maio de 1888, foi assinada a Lei Áurea, há 133 anos. Pouco mais de um século, em termos de história geral do mundo, são dias. As raízes escravocratas perpetuam nos mais diversos âmbitos da nossa sociedade, entre eles sob a construção de uma identidade deslocada do seu centro histórico, como mulher preta, onde a percepção como tal, esteve fora da formação pessoal de identidade.

2.1. Identidade da Mulher Preta

A mulher preta e seu construto identitário estão ancorados em diversos pontos históricos que estas carregam consigo. Perpassam sobre seus corpos e cabelos, a carga histórica de ancestrais escravizados, de direitos negados e de identidade anulada. Essas mulheres tiveram de se reerguer como indivíduos, e sua voz é, ainda, pouco ouvida. Mas, apesar disto, temos referenciais de mulheres e homens pretos que nos ajudam a pensar a complexa relação entre elas e a suas identidades, autores que trago nesta pesquisa.

Em “Memórias da Plantação”, Grada Kilomba exemplifica a situação da mulher preta como sendo o “Outro do outro”, resignifico aqui esta frase pois entendo que além de ser este outro, aos olhos da sociedade a mulher preta não pertence a lugar nenhum, e ainda assim, carrega nas mais diversas funções sociais responsabilidades que as tornam, ao mesmo tempo, indispensável e invisíveis, tornando-se, também, a Base da Base.

Factualmente falando, com o início da escravização, o papel das mulheres pretas esteve condicionado ao trabalho no campo, aos cuidados domésticos na casa grande, exercendo também o papel de cuidadoras das crianças brancas, sendo por vezes violadas pelos senhores de escravos e tendo seus próprios filhos retirados de sua guarda e vendidos.

A escritora Angela Davis, em seu livro “Mulheres, Raça e Classe”, traz, sob um olhar forte e atencioso, os relatos sobre o período escravocrata e de como era a situação das mulheres pretas escravizadas:

... as mulheres também sofreram de forma diferente, porque eram vítimas de abuso sexual e outros maus tratos bárbaros que só poderiam ser infligidos à elas. A postura dos senhores em relação às escravas era regida pela conveniência:: quando era lucrativo explorá-las como se fossem homens, eram vistas como desprovidas de gênero; mas quando podiam ser exploradas, punidas e reprimidas em modos cabíveis apenas às mulheres, elas eram reduzidas exclusivamente à sua condição de fêmea. (DAVIS, 2016, p. 19)

Porém, há de ser observado também o papel fundamental que estas mulheres tiveram na luta de resistência à escravização:

...as mulheres negras eram iguais a seus companheiros na opressão que sofriam; eram socialmente iguais a eles no interior da

comunidade escrava; e resistiam à escravidão com o mesmo ardor que eles. Essa era uma das grandes ironias do sistema escravagista: por meio da submissão das mulheres à exploração mais cruel possível, exploração esta que não fazia distinção de sexo, criavam-se bases sobre às quais às mulheres pretas não apenas afirmavam sua condição de igualdade em suas relações sociais, como também expressavam essa igualdade em atos de resistência (DAVIS, 2016, p. 36)

As lutas abolicionistas externaram causas e reivindicações que eram próprias das lutas do povo preto como um todo, mas que eram também pautas extremamente femininas. As mulheres pretas, como foi exposto acima, eram exploradas como os homens e sofriam os mais diversos abusos, de cunho sexual, que se possa imaginar. A libertação, a fuga ou, por muitas vezes, a morte, eram as únicas alternativas. A luta pelo fim da escravização era um tema urgente.

No discurso de Sojournei Truth, mulher abolicionista afro americana, em 1851, denominado posteriormente como “Eu não sou uma mulher”, Truth aborda a condição da mulher preta na sociedade, e fazendo as devidas comparações, e ajustes históricos, já que na data de tal discurso a escravização ainda era algo presente no Brasil, as palavras de Sojournei exemplificam a forma como a sociedade via a mulher preta, que ainda é extremamente relevante a visão dada a ela atualmente:

Aqueles homens ali dizem que as mulheres precisam de ajuda para subir em carruagens, e devem ser carregadas para atravessar valas, e que merecem o melhor lugar onde quer que estejam. Ninguém jamais me ajudou a subir em carruagens, ou a saltar sobre poças de lama, e nunca me ofereceram melhor lugar algum! E não sou uma mulher? Olhem para mim? Olhem para meus braços! Eu arei e plantei, e juntei a colheita nos celeiros, e homem algum poderia estar à minha frente. E não sou uma mulher? Eu poderia trabalhar tanto e comer tanto quanto qualquer homem – desde que eu tivesse oportunidade para isso – e suportar o açoite também! E não sou uma mulher? Eu pari treze filhos e vi a maioria deles ser vendida para a escravidão, e quando eu clamei com a minha dor de mãe, ninguém a não ser Jesus me ouviu! E não sou uma mulher? (DISCURSO, Sojourner Truth, 1851 apud Djamila Ribeiro, 2018, p.65.)

Sojourner Truth foi uma mulher preta nascida em Nova York, que viveu até mais ou menos os 86 anos, morrendo em 1883⁵. Sua contribuição nas lutas abolicionistas e de direito das mulheres é de extrema importância, até hoje. Sua vida e trajetória espelham muito a luta e a realidade da mulher preta brasileira, ainda que a um continente de distância. Sua batalha abolicionista nos Estados Unidos está em sincronia com o crescimento do movimento no Brasil. Inquieta com a realidade posta a ela e sem se deixar intimidar, Sojourner foi uma figura potente e deu voz a milhares de mulheres e homens à época, suas falas ecoam com a de uma realidade que pôde ser vista em diversos países, e colocando elas no contexto brasileiro, podemos perceber o lugar de luta e a importância que a mulher preta tem na história da virada abolicionista. No Brasil, temos como referência Maria Firmina dos Reis, considerada a primeira escritora abolicionista, que dá voz e põe a luz nos seus romances às dores, às lutas e aos amores vividos na escravização.

Os reflexos deste período de exploração estão ainda presentes na construção da sociedade, na constante tentativa de encaixar todos em um padrão, no esforço de apagar as visíveis diferenças existentes e afastar aquelas pessoas que fujam destes esforços. Como Stuart Hall exemplifica em seu ensaio, “Quem precisa de identidade” (2014), às dinâmicas de construção identitária estão sempre em movimento, não existindo um exato ponto de chegada e total conhecimento da identidade.

O autor ainda reflete sobre a relação da construção da identidade como sendo este algo mutável e adaptável, tornando todo e qualquer processo de novo reconhecimento, de inserção sob os olhos de uma nova identidade, algo real e palpável. Podemos fazer um balanço aqui de como a carga histórica tem um reflexo extremamente importante nesta construção, os discursos e as informações que são recebidas durante a vida destas mulheres as faz não construir sua origem identitária com base na sua ancestralidade. Hall aborda isto exteriorizando a importância do reconhecimento histórico deste grupo identitário:

E precisamente porque as identidades são construídas dentro e não fora do discurso que nós precisamos compreendê-las como produzidas em locais históricos e institucionais específicos, no interior

⁵ Fonte portal Geledés, consultado em 29/09/2021: www.geledes.org.br/sojourner-truth/.

de formações e práticas discursivas específicas, por estratégias e iniciativas específicas. (HALL, 2008, p.109)

As relações da construção de uma identidade e as implicações que o passado de dor e luta impõe às mulheres pretas fazem parte de um sistema complexo e delicado, onde esta mulher esteve por muito tempo fora do seu próprio centro, vivendo e lutando por causas humanas e sociais. Sua história é contada através do seu corpo, que carrega as lutas de suas ancestrais e que traz uma verdade que jamais deve ser esquecida.

2.2. Representação do corpo

O corpo preto, com toda a carga e contexto histórico que carrega dentro da sua vivência, acaba por ser um corpo marcado de luta e dor. A violação dos corpos, a privação da liberdade, a animalização do ser, fizeram do corpo preto combatente e frágil. Combatente pois é este o corpo a se levantar frente a muitas das mazelas e injustiças, frágil, pois não há nada que o torne mais capacitado a suportar a dor ou não do que qualquer outra pessoa, mas a sociedade ainda esquece isso.

Dentro da representação dos corpos pretos, de mulheres e homens, nós temos características de dominação, imaginário e sexualização distintas. Como este trabalho foca na construção identitária da mulher preta, irei me ater e tratar das políticas de representação do corpo desta mulher.

bell hooks⁶, em seu livro *Olhares Negros: Raça e Representação (2019)*, exemplifica de forma clara como a política de domínio do corpo da mulher preta reverbera ainda na atualidade:

Representações de corpos de mulheres negras na cultura popular contemporânea raramente criticam ou subvertem imagens da sexualidade da mulher negra que eram parte do aparato cultural racista do século XIX e que ainda moldam as percepções hoje. (hooks, p. 105, 2019)

⁶ O nome "bell hooks" foi inspirado na sua bisavó materna, Bell Blair Hooks. A letra minúscula pretende dar enfoque ao conteúdo da sua escrita e não à sua pessoa. O seu objetivo, porém, não é ficar presa a uma identidade em particular mas estar em permanente movimento. (Fonte Wikipédia, consultado em 29/09/2021: https://pt.wikipedia.org/wiki/Bell_hooks)

A estereotipização deste corpo acaba por circundar dois grandes estereótipos do imaginário popular de como é uma mulher preta, sendo a primeira a figura da mãe forte, com muitos filhos e que acaba sempre por inferiorizar ou anular a masculinidade de *seu* homem, tornando-se praticamente invisível, e só sendo “lembrada” em situações de necessidade e serviço para as senhoras e senhores de escravos da modernidade, ditas mulheres e homens brancos pertencentes, ou não, à uma elite social, que a enxergam como obediente. Ou a imagem da preta sexualmente ativa e liberta, que não possui pudores quando o assunto é a sua sexualidade, que é vista como uma mulher da qual qualquer homem deseja para o sexo, sendo seu corpo de “domínio público”, não cabendo a ela os “direitos” que uma mulher branca possui.

Esses dois estereótipos circundam a imaginação geral da sociedade, uma passa uma visão de facilmente controlável e a outra de pecaminosamente adepta a qualquer atividade sexual, com seu consentimento prévio ou não. A função social da mulher preta como “mãe” e “integrante” da família é uma das concepções, que ainda em moldes escravistas, é tão atual. Grada Kilomba nos ajuda a compreender essa relação:

Essa imagem da mulher negra como “mãe” vem servindo como um controle de “raça”, gênero e sexualidade. É uma imagem controladora que confina mulheres *negras* à função de serventes maternas, justificando sua subordinação e exploração econômica. A “mãe *negra*” representa a relação ideal de mulheres *negras* com a branquitude: como amorosa, carinhosa, confiável, obediente e serva dedicada, que é amada pela família *branca*. (KILOMBA, 2019, p.142)

Winnie Bueno, em seu livro *Imagens de controle (2020)* nos ajuda a entender essa correlação do corpo da mulher preta, nesta posição do “outro” na sociedade, através da análise da figura da Vênus Hontentote, mais conhecida pela pessoa de Sarah Baartman, mulher africana que foi exposta na europa como se fosse uma atração de circo, e que após sua morte teve seus órgãos sexuais expostos em museus até os anos 70 do século passado⁷.

⁷ Fonte BBC, consultado em 29/09/2021:

https://www.bbc.com/portuguese/noticias/2016/01/160110_mulher_circo_africa_lab

A imagem de Vênus Hotentote, uma mulher negra de pele retinta, nádegas grandes e genitália considerada “anormal”, serviu de base às fantasias sexuais dos brancos europeus a respeito das mulheres negras africanas. Suas características físicas estavam em desconformidade com os padrões de feminilidade europeus, criando um fetiche oriundo do exotismo. Esse exotismo e a exploração dos corpos de mulheres negras com base nessa lógica estabelecem um panorama no qual não importa a realidade em que as mulheres negras vivem, seus corpos sempre estarão mediados pelos padrões sexuais estabelecidos pelas convenções formuladas a partir do olhar branco. (BUENO, 2020, p. 121)

Como podemos perceber a objetificação do corpo da mulher preta ultrapassa o período escravagista e se torna algo muito maior e mais cruel, onde mesmo após a sua morte seu corpo ainda é visto como “objeto de estudo” e atração a ser vista. As políticas de dominação desses corpos, o condicionamento a um padrão imposto, a invisibilidade gerada, são formas de anulação que perpetuaram durante todo esse tempo. Para que a mulher preta estivesse a frente novamente da construção das próprias regras sobre o seu corpo, ela teve que “movimentar-se além da dor”⁸ (hooks apud BERTH, 2020, p. 94)

2.2.1. Meu corpo minhas regras: políticas de empoderamento

Ser dona do seu próprio corpo, além de ser realmente sentir-se assim. Pode ser algo banal para uma parte da sociedade, mas nesse recorte específico de pesquisa é uma batalha que perpassou por todas as implicações anteriormente expostas. Às mulheres pretas nunca ficaram aquém das lutas e dores de raça, porém sempre sofreram também às implicações do gênero, e essa tomada de controle que gerou e vem gerando movimentos em prol das lutas e reconhecimento de seus direitos e aspirações.

Faço aqui um breve adendo em relação a duas terminologias que são vistas e postas dentro dos movimentos das mulheres pretas, como principais norteadores na busca por direitos. A primeira é o *Feminismo Negro*, que possui a sua base dentro do feminismo branco mundial, e que luta pela equidade entre gêneros, de todas às

⁸ No inglês, “Moving beyond Pain” foi um texto que bell hooks escreveu sobre o álbum *Lemonade*, da cantora Beyoncé.

mulheres. O segundo movimento é o do *Mulherismo Africano*, que possui suas raízes com uma abordagem materno-centrada, e coloca como líderes e norteadoras as mães pretas⁹. Não busco, com essa pesquisa, diferenciar um movimento do outro, porém é coerente que saibamos que ambos existem e quais as suas principais diferenciações.

Joice Berth em seu livro *Empoderamento* (2020) conversa com muitas autoras sobre a resignificação do movimento das mulheres pretas, coloca no centro do debate não somente o local de dor e sofrimento que percorre a história dessas mulheres, mas também, e tão importante quanto, o passado de luta e força que esta mesma mulher possui. Empoderar-se “dar poder ou habilidade a algo ou alguém” (BERTH, 2020, p. 28) entra nesse contexto como a forma de união dentro do movimento das mulheres pretas, que para além das lutas de gênero, vive as lutas de raça também.

Se o feminismo negro luta pela erradicação do racismo como estruturante social, ele se funde ao movimento negro. Se o feminismo negro aponta às opressões atreladas ao gênero, ele se aglutina a linha de frente do Feminismo dito universal. Então, temos a necessidade de explicar todas às contribuições do feminismo negro, proposições e apontamentos para que em um só tempo tenhamos um entendimento profundo dos caminhos da História, bem como dos princípios norteadores de novas ações e posturas que visam à equidade como potencial eliminador das opressões. (BERTH, 2020, p. 62)

Somos e fomos condicionadas a ser e estar sempre dispostas e disponíveis, tanto para o trabalho, quanto para qualquer outra exigência que fosse imposta. Esse condicionamento levou a uma invisibilidade do que se queria e almejava. Se reencontrar dentro desse movimento, entendendo às suas dores e fragilidades, bem como sabendo o que e onde quer chegar, é de extrema importância para a construção de uma nova visão identitária feita e centrada na mulher preta. Joice Berth cita Sritlatha Batliwala, sobre como as mulheres pretas vem se apoderando de recursos que estão sob poder dos homens:

⁹ Fonte Alma Preta, consultado em 10/10/2021:
<https://almapreta.com/sessao/quilombo/vamos-falar-sobre-mulherismo-africana>

Contudo, nós, mulheres, principalmente mulheres negras, não fomos nunca totalmente desempoderadas. Tentamos, de uma maneira ou de outra, “expandir nosso espaço”, mesmo quando as ideologias patriarcais conseguiram minar essas tentativas. (BERTH, 2020, p. 97)

Inverter a ótica colonizadora dos nossos corpos, apoderar-se dos direitos que nos foram negados, constitui a nova perspectiva sobre o feminismo preto. As mulheres pretas, como observamos historicamente, sempre reivindicaram seu lugar em todos os espaços que ocupavam, e mesmo quando eram massacradas e caladas, ainda assim estiveram à frente de toda grande revolução histórica. Nunca foram postas no centro de nada, e hoje reivindicam o lugar de contadoras de suas próprias histórias e tomadoras de decisão sobre sua estética e corpo, e o que cabe ou não dentro deste aspecto. Entendendo este lugar de reivindicação, construíram novas formas de luta por espaço e de reconhecimento de suas histórias e aspectos físicos e culturais, dentre tais, está a retomada pelo uso do cabelo de forma natural, descolando a imagem da mulher preta desta constante posição, onde a mesma deveria se moldar as construções já impostas socialmente.

3. FIO A FIO - TRANSIÇÃO CAPILAR E O RECONHECIMENTO

Neste capítulo, serão abordadas as formas como a transição capilar é vista e difundida, como ela é abordada e sob quais aspectos, além de entender os conceitos de estética das quais se firmou por muito tempo a padronização do que é bonito e aceitável ou não. Os autores aqui citados como referência trazem, para além dos seus estudos, a bagagem de vivência implicadas a estes. As políticas estéticas, com um recorte específico aos cabelos das mulheres pretas, são uma importante chave norteadora para o entendimento, reconhecimento e construção da identidade destas, como bem descreve Grada Kilomba em um trecho do seu livro:

Mais do que a cor da pele, o cabelo tornou-se a mais poderosa marca de servidão durante o período de escravidão. Uma vez escravizadas/os, a cor da pele de africanas/os passou a ser tolerada pelos senhores *brancos*, mas o cabelo não, que acabou se tornando um símbolo de “primitividade”, desordem, inferioridade e não-civilização. (KILOMBA, 2019, p. 127)

O cabelo é um marcador social e estético poderoso, e assim como todo o resto do corpo, sempre esteve demarcado através de padrões a serem seguidos. No período da escravização, eram usadas perucas para as senhoras de escravos, enquanto as escravizadas pretas tinham seus cabelos raspados. Nos anos 70 foi utilizado, cabelos curtos para as feministas brancas e o levante do black power para as mulheres pretas. Todo período histórico teve, como um de seus demarcadores, os cabelos como uma forma de reivindicação e reconhecimento, ainda assim foi, e segue sendo, uma pauta constante como empoderamento político. Grada Kilomba faz essa leitura através do contexto social em que o cabelo passa a ser um símbolo político de empoderamento:

Nesse contexto, o cabelo tornou-se o instrumento mais importante da consciência política entre africanas/os e africanas/os da diáspora. Dreadlocks, rasta, cabelos crespos ou “black” e penteados africanos transmitem uma mensagem política de fortalecimento racial e um protesto contra opressão racial. Eles são políticos e moldam às posições de mulheres negras em relação a “raça”, gênero e beleza. (KILOMBA, 2019, p. 127)

A inferiorização dos cabelos crespos, descritos e sub julgados como “fora do padrão” é só mais uma das manobras racistas impostas às mulheres pretas durante os séculos. Colocar essas em um lugar de não pertencimento, fazendo com que as mesmas não reconheçam a si e as suas semelhantes dentro de uma comunidade, ganha ainda mais força dentro de um contexto racista e com a “convivência” em uma sociedade eurocentrada. O cabelo, quando em voga, sempre exigiu os padrões europeus do que é belo, qualquer outro fora deste previamente designado, entra em um local de não pertencimento. Grada Kilomba trás em seu livro, um relato e uma análise que nos auxilia no entendimento deste ponto da pesquisa:

Alicia descreve tais perguntas como “doentias” e “tristes” porque elas revelam uma associação da *negritude* com o que é repugnante; elas anunciam como mulheres *negras* no imaginário *branco* são de alguma forma fantasiadas como sujas e selvagens. Tanto a sujeira como a selvageria estão inscritas em cada pergunta: “Como você lava seu cabelo?”, porque ele está sujo, e “Você o penteia?”, porque ele parece indomável. Um alinhamento ofensivo de pensamentos coloniais: lavar/sujo; pentear/indomável. (KILOMBA, p. 124, 2019)

Entender esse local importante que os cabelos têm dentro da história de vida das mulheres pretas é de extrema relevância para situar de que forma, através deles, as políticas de construção identitária estiveram ancoradas, tanto nos momentos em que eles foram marginalizados e julgados como inferiores, como no momento de descoberta e re significação dos fios de cabelos crespos.

3.1. Transição Capilar

Para contextualizar o momento em que o termo “transição capilar” passou a ser um dos mais buscados na internet, entendo ser necessário trazer uma explicação sobre o que é a transição capilar. Para isso trago apoiadas aqui, autoras que abordam em suas áreas de pesquisa estudos envolvendo diretamente este momento de retomada dos cabelos naturais das mulheres pretas.

A transição capilar, em si, consiste em uma decisão de não passar mais nenhum produto químico nos cabelos. Produtos estes que, em geral, são alisantes e

relaxantes, tendo como objetivo principal “domar”, “alisar” e deixar os cabelos crespos mais “aceitáveis” e dentro de um padrão imposto como “belo”.

A transição capilar é iniciada a partir do momento em que se decide não utilizar procedimentos e produtos que alisem o cabelo. É comum nos grupos virtuais utilizar a expressão "estou em transição" e em seguida dizer há quanto tempo está sem usar algum produto ou procedimento alisante. (GOMES, p. 64, 2017)

Não foram encontradas fontes que designam a origem e o momento exato em que este termo foi criado. Considerado então que este tenha surgido de forma “orgânica”, trago abaixo um relatório extraído do Google Trends, onde mostra um panorama de como a expressão foi sendo cada vez mais procurada no mundo digital:

Figura 2 - Pesquisa pelo termo “transição capilar” (período de 1 jan. 2010 a 17 out. 2021)



Fonte: Google Trends (acesso em: 17 out. 2021)

A partir desses primeiros anos de maior busca pelo termo na web, surgiram diversas pesquisas colocando em foco esse movimento que estava ecoando no Brasil e no mundo. Dentre essas está o *Dossiê BrandLab: A Revolução dos Cachos*¹⁰, feita pelo Google, no ano de 2017. Este dossiê traz dados importantíssimos sobre o comportamento e os novos moldes do que estava por vir no mundo das mulheres crespas e cacheadas. Dentre estes dados tem um que refere-se ao relato de que $\frac{1}{3}$ das mulheres diz já ter sofrido preconceito por conta do seu cabelo, entender este local de repressão e re significar este mesmo local, colocando no centro às suas

¹⁰ Disponível em:

<https://www.thinkwithgoogle.com/intl/pt-br/estrategias-de-marketing/video/revolucao-dos-cachos/>

próprias necessidades, vai muito além da estética: “Quando a natureza das pessoas é transformada em motivo de vergonha e preconceito, abraçá-la se torna um ato político.” (Dossiê BrandLab, web)

Para além de um movimento que visa trazer os cabelos a sua forma original, a transição capilar é vista também como uma recuperação identitária, como bem cita Marina Tavares:

O cabelo simboliza a dualidade que se vive na subjetividade, com a convivência simultânea de valores novos e antigos. O que se busca nessa fase é a construção daquilo que a identidade se tornará. (TAVARES, p. 95, 2018)

Indo um pouco mais a fundo no processo que envolve a transição capilar, é preciso entender os principais momentos que se faz a escolha, ou que se sofre a imposição, pela mudança dos fios naturais. De modo geral, esse momento se dá na infância, em geral a partir dos 7 anos de idade. A complexibilidade desse momento, a falta de entendimento sobre o todo que circula essa criança, mas a carga que esta carrega pelo simples fato de ser preta, já bastante confusa por si só, carregar ainda, as implicações que o racismo presente nos meios sociais dessa criança, onde, em geral, se tem as primeiras vivências de discriminação, torna tudo ainda pior.

A cor da pele é um marcador de raça indiscutível, não existe forma (simples e “acessível”) de transformá-la em outro tom. O cabelo é um indicador de raça e raízes, coloca a pessoa que carrega ele em algum grupo de pertencimento, porém este é “facilmente” transformável, e estando a mulher preta imersa em uma sociedade que não a reconhece como bela, mudar os cabelos se torna uma alternativa mais fácil e factível para enquadrar-se no que a sociedade considera como “aceitável”, e assim foi feito, sistematicamente, por muito tempo.

Passando pelas avós, mães e filhas, cuidar dos cabelos é uma prática ancestral à parte, existem diversos rituais que compõem esse momento, mas que por muitas vezes refletiam a busca pela aceitação social. Na introdução de sua defesa de sua dissertação, Marina Tavares traz um relato pessoal, mas carregado de significado e proximidade com muitos relatos de meninas pretas que como acontecia esse primeiro contato com as químicas no cabelo:

Na família, diziam que precisava alisar, tinha que dar um jeito 'naquilo'. 'Nem pente entrava'. Quando escovava os cabelos, era com força, afinal, um cabelo duro precisava de muita força pra ser domado. A força aplicada na escovação era também uma forma de punição. Por que tinha que nascer tão duro? A saída era o alisamento. Deixaria os cabelos com balanço e fáceis de 'lidar'. O primeiro alisamento veio na casa dos 10 anos de idade, apesar de os produtos não serem recomendados para crianças por serem muito fortes. Vários alisamentos vieram depois, e com eles, quedas e quebras de cabelo, couro cabeludo em carne viva, ardências, chapinhas quentes, retoques mensais e 'escovas' semanais, trocas de princípios ativos, hidratações, raiva porque o cabelo crescia e 'perdia' o alisamento, vergonha da 'raiz crescida', medo de piscina, de chuva, de neblina, de garoa, de praia, de suar muito e 'inchar' a raiz, da escova não durar, do alisamento ficar 'artificial', de ficar volumoso, de o alisamento não pegar. (TAVARES, p. 11, 2018)

Corroborando com o depoimento da Marina, temos também um relato por bell hooks de um texto que esta escreveu em 2005 para uma revista:

Não íamos ao salão de beleza. Minha mãe arrumava os nossos cabelos. Seis filhas: não havia a possibilidade de pagar cabeleireira. Naqueles dias, esse processo de alisar o cabelo das mulheres negras com pente quente (inventado por Madame C. J. Waler) não estava associado na minha mente ao esforço de parecermos brancas, de colocar em prática os padrões de beleza estabelecidos pela supremacia branca. Estava associado somente ao rito de iniciação de minha condição de mulher. Chegar a esse ponto de poder alisar o cabelo era deixar de ser percebida como menina (a qual o cabelo podia estar lindamente penteado e trançado) para ser quase uma mulher. Esse momento de transição era o que eu e minhas irmãs ansiávamos. (HOOKS, 2005, p. 1)

Fica elucidado o momento na infância que esse rito de passagem acontecia, a vergonha na escola, as cobranças dentro de casa e o não reconhecimento de si na sociedade. Todas essas esferas foram as bases que formaram, ou deformaram, a percepção identitária das mulheres pretas, que no momento que entendem todas essas construções racistas sobre seus cabelos, bem como às implicações e cargas que essas carregam, retomam essa discussão e colocam à luz este novo momento de voltar a ver seus fios de forma natural. Reafirmar este local de pertencimento, como já dito anteriormente, vai muito além da estética.

Às etapas que compõem a transição capilar, em geral, partem de quatro fases, que foram delimitadas de forma orgânica pelos canais da rede, não possuindo um embasamento teórico e conceitual para, sendo estas: *aceitação*, entender que se quer passar por aquilo pode ser um dos processos mais dolorosos, já que, como dito, muitas iniciaram esse processo ainda na infância, ou seja, nem ao menos lembram como são seus fios de cabelo na forma natural; *texturização*, com o crescimento da raiz do cabelo, já sem química, e a não manutenção dos alisantes ou relaxantes, o cabelo passa por uma fase denominada de dupla textura, onde às pontas e a raiz possuem aspectos bem diferentes; *big chop*, é o corte das pontas onde ainda tem química aplicada, é uma das fases mais esperadas, já que é a partir deste grande corte que é possível ver com maior realidade a textura e o formato real dos cabelos sem química; *crescimento*, acrescento aqui esta fase, pois em geral ela acaba sendo “esquecida” nos sites e locais onde se trata da transição capilar, um cabelo crespo saudável cresce tanto quanto qualquer outro, porém notar este crescimento, que antes com os alisamentos era mais facilmente percebido passa a ser uma dor muito grande.

Quanto mais curvo o tipo de cacho, mais demorado é o processo de perceber o crescimento destes fios, que possuem uma classificação, criada pelo cabeleireiro André Walker, onde se categoriza, utilizando números e letras, os tipos de fios de cabelo, considerando aspectos como a sua curvatura e gramatura destes. Abaixo temos uma imagem que exemplifica essa classificação:

Figura 3 - Classificação da curvatura dos fios



Fonte: Extravisa Hair / Reprodução Instagram

Redescobrir-se identitariamente, entender a suas próprias percepções do que é belo ou não, do que se quer ou não, encontrar uma comunidade da qual se possa trocar através de experiências e conhecimentos diversos, são alguns dos principais aspectos que levam muitas mulheres pretas a entrar no processo de transição capilar. Larissa Gomes em sua defesa no ano de 2017 resume este momento de forma bem elucidativa:

O cabelo crespo, no processo de transição capilar, junto aos aparatos e técnicas compartilhadas entre as transicionadas configura um sistema simbólico. Tal experiência, vista por vezes apenas como meramente estética, está permeada por inúmeras tensões e conflitos. Transforma não só aquilo que está no topo da nossa cabeça, mas remodela relações, percepções, sensações e desengaveta o racismo, ponto comum de todas as trajetórias daquelas e daqueles que carregam em um corpo negro, um cabelo crespo. (GOMES, p. 95, 2017)

A construção dessa identidade pautada nas suas próprias narrativas é o ponto de convergência quando essa mulher preta decide passar por esse reencontro com os seus próprios cabelos, cabelo este, que veremos ser uma

característica única e fundamental na construção de um local de reconhecimento onde esta mulher poucas vezes esteve.

3.2. Esferas de identidade através do cabelo

Os reflexos da construção identitária através dos cabelos, nos faz entender essa retomada de consciência por aquilo que Hall (2020) chama de *identidades em transição*, que são formações identitárias advindas das experiências na diáspora, de pessoas que não possuem uma conexão concreta com a sua ancestralidade e que tentam se moldar aos gostos e normas da sociedade em que agora vivem. Essas identidades em transição traduzem exatamente o momento do qual se percebe essa tentativa de reaproximação e de recontextualização sobre as políticas identitárias tratadas através dos cabelos. Este local de partida das mulheres pretas, que possuem raízes em suas ancestralidades, e que ao mesmo tempo tentam se adaptar às novas realidades impostas, pactuam este conceito abordado por Hall:

(...) formações de identidade que atravessam e intersectam as fronteiras naturais, compostas por pessoas que foram dispersadas para sempre de sua terra natal. Essas pessoas retêm fortes vínculos com seus lugares de origem e suas tradições, mas sem a ilusão de um retorno ao passado. Elas são obrigadas a negociar com as novas culturas em que vivem, sem simplesmente serem assimiladas por elas e sem perder completamente suas identidades. Elas carregam os traços das culturas, das tradições, das linguagens e das histórias particulares pelas quais foram marcadas. A diferença é que elas não são e nunca serão unificadas no velho sentido, porque elas são, irrevogavelmente, o produto de várias histórias e culturas interconectadas, pertencem a uma e, ao mesmo tempo, a várias “casas” (e não a uma “casa” particular). As pessoas pertencentes a essas culturas híbridas têm sido obrigadas a renunciar ao sonho ou à ambição de redescobrir qualquer tipo de pureza cultural “perdida” ou de absolutismo étnico. (HALL, p. 72-73, 2020)

A complexidade dessa nova tradução identitária, reflete nas inúmeras dificuldades que essas mulheres têm de se aceitar e entender seus locais de pertencimento. Como já dito anteriormente, a mudança dos cabelos reflete algo muito maior do que puramente a estética, é essa tentativa de reconexão com o passado alinhado com as inflexões do presente. Perceber-se identitariamente

através da transição capilar faz parte deste processo de tradução do que cabe ou não na vida dessas mulheres. Deixar de moldar a si e as próximas gerações, para atender as expectativas e padrões impostos, é um dos fatores que torna a transição capilar um movimento político. Reconstruir a identidade através de uma experiência nova de aceitação, que anteriormente parecia inimaginável, determina os novos marcos e direcionais de toda uma cadeia social e econômica.

Dreadlocks, rasta, cabelos crespos ou “black” e penteados africanos transmitem uma mensagem política de fortalecimento racial e um protesto contra a opressão racial. Eles são políticos e moldam as posições das mulheres negras em relação a “raça”, gênero e beleza. Em outras palavras, eles revelam como negociamos políticas de identidade e racismo- Pergunte a Angela Davis! (KILOMBA, p. 127, 2019)

A externalização dessas vivências e angústias, foi o que possibilitou o cenário que temos hoje. Recontar suas próprias histórias, e possibilitar que às novas gerações tenham um espelho que reflete amor e autocuidado é o que move muitas dessas mulheres a tomar a decisão de se reencontrar identitariamente.

4. RELATOS

A oralidade é um modo de deixar viva na lembrança de uma comunidade, descrevendo fatos e momentos aos quais este povo passou. Particularmente falando de história africana, tem-se a consciência de que foi por meio da oralidade, passada ao longo dos anos, que foi possível determinar fatos, saberes e conhecimentos que a história escrita, talvez, não teria alcançado.

Neste capítulo, busco trazer um outro aspecto dos relatos, resgatando a sua origem pela ancestralidade africana, e colocando em pauta a oralidade como forma de busca pela perpetuação da história. Os autores aqui citados, com destaque para os de origem africana, possuem para além da sabedoria acadêmica, a vivência da oralidade em suas vidas. O ato de relatar aproxima e transcorre para além das próprias vivências, os relatos se tornaram, na atualidade, uma forma potente de entender e colocar em pauta a situação, neste objeto de pesquisa, das mulheres pretas quanto às suas angústias e dores, percorro este caminho buscando reconectar a prática do relato, com uma herança ancestral que por muito tempo se via apagada.

4.1. Oralidade Ancestral

Para pensar em como os relatos orais estão associados a busca por manter viva na memória fatos perpassados sob nossas próprias experiências, trago o autor Amadou Hampaté Bâ, que em sua vida trás grandes conceitos sobre a oralidade africana, e que em seu livro, *O menino Fula*, nos ajuda a entender como a experiência da oralidade é vivenciada nas tradições afro brasileiras, e como ainda utiliza-se o recurso do relato para externar nossas próprias vivências:

(...) A memória das pessoas de minha geração, sobretudo a dos povos de tradição oral, que não podiam apoiar-se na escrita, é de uma fidelidade e de uma precisão prodigiosas. Desde a infância, éramos treinados a observar, olhar e escutar com tanta atenção que todo acontecimento se inscrevia em nossa memória como em cera virgem. Tudo lá estava nos menores detalhes: o cenário, as palavras, os personagens e até suas roupas. (...) Para descrever uma cena, só

preciso revivê-la. E se uma história me foi contada por alguém minha memória não registrou somente seu conteúdo, mas toda a cena - a atitude do narrador, sua roupa, seus gestos, sua mímica, os ruídos do ambiente. (...) Por isso é muito difícil para um africano de minha geração 'resumir'. O relato se faz em sua totalidade, ou não se faz. Nunca nos cansamos de ouvir mais uma vez, e mais outra a mesma história! Para nós, a repetição não é um defeito, (HAMPATÉ BÂ, 2003, p. 13-14)

Hampaté Bâ nos ajuda a pensar na importância que a tradição oral teve no contexto histórico de formação do Brasil. Povos inteiros arrancados de países do continente africano, sem saber se comunicar com as pessoas brancas que aqui viviam, bem como tendo dificuldade de se comunicar com povos de outros países da África. Como perpetuar a história, os ensinamentos, de que forma não deixar morrer toda a carga ancestral que estes carregavam? A oralidade esteve sempre presente, e se em um contexto de um povoado na Guiné os relatos orais eram vistos como uma fonte inesgotável de perpetuação da sabedoria, em uma condição de escravização era uma forma de sobrevivência.

Existe um provérbio malinké que diz “*Quem fala semeia. Quem planta colhe.*” Essa frase é quase que um resumo sobre o papel fundamental da figura do Griô dentro da oralidade africana. O Griô, que foi o termo comumente difundido para designar o papel dessa pessoa dentro dos povos, é uma das figuras mais importantes dentro de uma comunidade, é ele o responsável por disseminar o conhecimento adquirido, e não deixar morrer às histórias ancestrais, os ensinamentos, a música e a cultura do povo para o qual ele vive, sendo ele é um guardião da memória. Nei Lopes em *Enciclopédia Brasileira da Diáspora Africana*, traz a definição do termo Griot, o que nos auxilia a entender o seu papel e história:

Griot. termo do vocabulário franco-africano, criado na época colonial, para designar o narrador, cantor, cronista e genealogista que, pela tradição oral, transmite a história de personagens e famílias importantes das quais, em geral, está a serviço. Presente sobretudo na África Ocidental, notadamente onde se desenvolveram os faustosos impérios medievais africanos (Gana, Mali, Songai, etc.), recebe denominações variadas: dyéli ou diali, entre os bambaras e mandingas; guésséré, entre os saracolés; wambabé entre os peúles; aouloulé, entre os tucolores; e guéwel (do árabe qawwal), entre os uolofes. (LOPES, p. 317, 2011)

Heloisa Pires Lima e Leila Leite Hernandez, trazem, em forma de contos, muita história e sabedoria através do livro *Toques do Griô: Memórias Sobre Contadores de Histórias Africanas* (2014). Este livro, além das narrativas através dos contos, nos ajuda a entender o papel dos Griôs dentro dos povos. Dentro dessas histórias é possível entender que havia um “treinamento para aprofundar os saberes sobre a natureza secreta, seja a humana, a animal ou a vegetal” (p. 23, 2014). A figura do Griô era, para além de um dom, algo a ser ensinado, onde existiam escolas específicas para aqueles designados a este papel.

Fazendo uma conexão histórica com essa figura tão marcante, podemos alinhar às características dos griôs com as trocas de saberes ancestrais, que povoam e circundam toda uma narrativa que não se apagou com a escravização no Brasil. Lima e Hernandez fazem uma reflexão muito pertinente sobre a importância de uma sociedade que não depende somente da escrita para transmitir sua história:

Só as extraordinárias sociedades que não dependeram da escrita para o registro dos seus feitos dominam a palavra para transmitir a história. Essa imensa sabedoria negro-africana conhece não só as técnicas de resguardar, mas também as de passar a história adiante. O estrangeiro chama isso de arte da oratória. Mas o que o griô exercita na sua aldeia é a arte de receber e transmitir conhecimento por meio da palavra. (LIMA; HERNANDEZ, 2014, p. 23)

A transmissão oral de ensinamentos é uma prática que pode ser encontrada nas mais diversas trocas entre a população preta brasileira. Desde ensinamentos sobre ervas e chás medicinais, até a perpetuação de habilidades com os cabelos que se dão através das tranças, por exemplo. Porém trazendo esse recorte para dentro da realidade brasileira, a transmissão oral de ensinamentos, é para além de uma prática ancestral, uma política de sobrevivência dentro da sociedade.

Dados do PNAD Educação (Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios) de 2019, apontam que a taxa de analfabetismo entre a população preta e parda é quase 3x maior do que a de pessoas de pele clara acima dos 15 anos. Se o recorte for feito entre a população com 60 anos ou mais, esse número cresce absurdamente, sendo

a taxa de analfabetismo entre pessoas brancas, nessa faixa etária, de 9,5%, enquanto, o mesmo índice, para pessoas pretas e pardas é de 27,1%¹¹.

A fala, como percebemos até aqui, é historicamente o instrumento de maior potência do povo preto, seja para não deixar que o apagamento de uma história ocorra, seja pela falta de outros recursos de comunicação, como a escrita. A voz de uma pessoa sozinha pode não ter o mesmo efeito do que a voz de um povo inteiro, e às políticas colonizadoras sempre souberam disso.

O silenciamento da voz do povo preto, seja ela feita de forma individual ou coletiva, pode dar-se das mais diversas formas, sejam elas de ordem da força física ou da anulação da palavra. Esta política colonial sempre esteve presente, e trago como exemplo aqui a máscara que ficou famosa em um retrato da escravizada Anastácia. “Ela era composta por um pedaço de metal colocado no interior da boca do *sujeito negro*, instalado entre a língua e o maxilar e fixado por detrás da cabeça por duas cordas...” (KILOMBA, p. 33, 2019). Uma máscara que para além do silenciamento tinha a função de demonstração de poder e força.

Grada ainda nos ajuda a refletir e “levanta muitas questões: porque deve a boca do *sujeito negro* ser amarrada? Por que ela ou ele tem de ficar calada/o? O que poderia o *sujeito negro* dizer se ela ou ela não tivesse sua boca tapada? E o *sujeito branco* teria de ouvir?” (KILOMBA, p. 41, 2019). Desta forma o *sujeito branco* não precisa lidar com aquela situação, ou nega a mesma.

O silenciamento moderno, se não ocorre com o uso de uma máscara de metal, é visto em outros formatos, sendo estes: o não reconhecimento dos pensamentos e filosofias criados por pessoas pretas; a subalternização de movimentos e discussões sociais que fogem do conceito padrão branco; a exclusão dessas pessoas de locais onde suas vozes teriam mais alcance. Essa máscara moderna de silenciamento, “simboliza políticas sádicas de conquista e dominação...” (KILOMBA, p. 33, 2019). Esta política de controle revela-se em um trecho pessoal de vivência da autora em sua vida acadêmica:

¹¹ Fonte IBGE, consultado em 01/10/2021:

<https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-sala-de-imprensa/2013-agencia-de-noticias/releases/28285-pnad-educacao-2019-mais-da-metade-das-pessoas-de-25-anos-ou-mais-nao-completaram-o-ensino-medio>

Interessante, mas *acientífico*; interessante, mas *subjetivo*; interessante, mas *peçoal, emocional, parcial*: “Você *interpreta demais*”, disse uma colega. “Você deve achar que é a *rainha da interpretação*.” Tais comentários revelam o controle interminável sobre a voz do *sujeito negro* e o anseio de governar e comandar como nós nos aproximamos e interpretamos a realidade. Com tais observações, o *sujeito branco* é assegurado de seu lugar de poder e autoridade sobre um grupo que ele está classificando como “menos inteligente” (KILOMBA, 2019, p.55)

Todas as políticas sociais que impossibilitaram que, após o “fim” da escravização, as pessoas pretas pudessem viver de forma digna e terem acesso a seus direitos básicos como cidadãos, refletem hoje em índices elevados de pobreza, analfabetismo e fome. Repensar esse local social de alcance ao alfabetismo, bem como, aos recursos mínimos dignos de sobrevivência, vai muito além de uma discussão sobre a importância da oralidade para o povo preto, pois esse recurso não foi uma escolha, e sim a única forma encontrada para perpetuar essas histórias.

4.2. Relatos como forma de ressignificação

Todas as referências e pontos de inflexão até aqui, visam deixar elucidado que o ponto de partida desta pesquisa vai ao encontro a uma nova perspectiva sobre a definição dos conceitos abordados, incluindo, os relatos, sendo esta visão um pouco diferente da forma tradicional ou comumente difundida no meio acadêmico.

Um relato traz, muitas vezes, algo a mais do que uma experiência pessoal, falando de experiências das mulheres pretas, isso fica ainda mais evidente. Um relato por vezes conta mais de uma história, traz situações que vão além de uma experiência única, fala sobre vivências que muitas vezes são coletivas e a força da oralidade, explorada anteriormente, fica evidente neste ponto.

Entendendo a potência que um relato pode ter e transmitir, e buscando o maior alinhamento com o objeto desta pesquisa, neste subcapítulo trago as reflexões de autoras que, em suas vivências próprias ou através de entrevistas, conseguiram captar e dimensionar a ressignificação que os relatos têm, no contexto de suas construções como mulheres pretas.

O relato tem por sentido aproximar a história do locutor com o seu ouvinte, este é o recurso mais utilizado para externar vivências, que como seus depoimentos tão pessoais, carregam consigo esta memória de proximidade. Memórias que por vezes são coletivas, é no coletivismo da memória que causamos identificação e onde, também ocorre, a formação do eu social sendo uma referência de identidade coletiva.

E neste sentido de proximidade que Bianca Santana traz em seu livro "*Quando me descobri negra*" relatos pessoais e vivenciados por outras pessoas pretas sobre como foi essa virada de descoberta pertencente, e em que momentos a cor da pele se tornou uma marca evidente de segregação para elas, bem como um mecanismo de poder e reivindicação de espaço. Em seu primeiro relato no livro ela fala da sua auto descoberta:

Tenho 30 anos, mas sou negra há apenas dez... Eu fui branqueada em casa, na escola, no cursinho e na universidade. E como disse Francisco Weffort: o branqueamento apaga às glórias dos negros, a memória dos líderes que poderiam sugerir caminhos diferentes daquele da humilhação cotidiana, especialmente para os pobres. Ainda em busca de identidade, afirmo com alegria que sou negra há dez anos. (SANTANA, 2017, p.8-9)

Voltar os olhos para si enquanto mulher preta, por vezes é o ponto mais difícil dentro dessa jornada de autodescoberta. Todo o apagamento sofrido e o fato de nunca se encontrar dentro de uma memória pertencente, culmina em reflexos distorcidos da própria imagem. As mulheres pretas, em todo o contexto histórico e social visto, precisaram por muito tempo serem fortes para suportar todas as dores que o racismo e o sexismo impuseram em seus corpos. Externalizar essas vivências e sentirem pertencentes a um grupo que, por vezes, sofreu a mesma experiência que ela, trás a essas um espaço de pertencimento que por muito tempo foi negado.

Quando re significamos o relato, é sob este aspecto, não é uma simples declaração de uma vivência, mas sim uma visão para dentro e para fora, um olhar atento à si e às mulheres que se sabe que passaram por experiências parecidas às suas, é o encontro na dor, mas também é a base para a criação de um novo recorte

dentro de uma identidade, que até pouco tempo, era distorcida pelas imposições racistas e patriarcais sobre os corpos das mulheres pretas.

Dos identificadores sociais, o de mulher preta é o mais difícil de ser descoberto dentro dessas vivências. Ainda dentro das reflexões do livro da Bianca Santana, com o relato intitulado de “*Que corajosa por vir com esse turbante*”, é possível exemplificar essa dura jornada:

Descobrir-me negra foi um processo. Descobrir-me mulher é uma jornada que se iniciou com a maternidade e tem sido foco da minha atenção. Se essas descobertas já não são simples, vesti-las, para que qualquer pessoa possa vê-las, é especialmente difícil. (SANTANA, 2017, p.17)

Externalizar a dor e a dificuldade, é, neste ponto, uma forma de aproximação com quem passou ou passa pela mesma vivência. Criar, a partir disso, uma consciência e memória coletiva de quem passa por essas mesmas experiências é, mais do que uma auto afirmação sobre si mesma, é um criador de referencial, um ponto de partida e um espelho para quem ainda não passou por isso. Falar sobre essas dores e sentimentos, como vimos, é um processo difícil e doloroso, porém quanto mais se fala, mais se aproxima e menos se sofre, principalmente quando pensamos naquelas meninas pretas que ainda estão em fase de crescimento e construção, de reconhecimento e narrativa sobre si.

O relato de uma menina preta, que explicita tão fortemente uma vivência coletiva acerca das primeiras experiências com o cabelo crespo, coloca luz sobre como a falta de identificação, seja em casa, na escola ou na sociedade, reflete no adoecimento e apagamento sobre às suas próprias características:

Na escola a professora era como a mãe. Mesmo tendo um cabelo liso e bem comprido, vivia dizendo que o cabelo da Nati era lindo. Mas as amigas eram mais como a menina. Não gostavam daquele cabelo curto, cheio de molinhas com fios espetados. Algumas eram gentis e não falavam nada, só olhavam com pena. Outras soltavam pequenas maldades, perguntando se Nati não queria ter o cabelo liso e comprido como os delas. E tinha ainda as que faziam piada para todo mundo ouvir, apontando o que chamavam de cabelo ruim. (SANTANA, 2017, p.54)

A vivência da não aceitação do cabelo, do nariz, da cor da pele ou dos lábios, que são marcadores físicos da negritude, é uma memória coletiva de dor, que pouco se falava. Todas as lutas contra o racismo mais extremo, aquele que mata o jovem preto, ou estupra a mulher preta, fizeram com que todos os outros condicionantes da luta por uma identidade racial, ficassem deixadas de lado, por falta de visibilidade ampla do problema e também por falta de “fôlego” dos movimentos pretos brasileiros em lutar por mais essa causa. Pois em um país onde $\frac{2}{3}$ das mortes são de pessoas pretas¹², pautas e vivências racistas ligadas a estética, não pareciam tão urgentes.

A amplificação dessas vozes, a tomada de consciência coletiva sobre a urgência dessas pautas e as recorrentes vivências, que estavam sendo cada vez mais externalizadas, fez emergir um movimento, em prol de uma comunidade recém criada. Agora, os relatos externalizados das mulheres pretas às fizeram enxergar uma dor em comum, passar a pensar em formas de resolver esse problema, que além de estético é social, passou a ser uma pauta importante dentro do movimento feminino das mulheres pretas e mais uma vez elas se levantam por uma causa, e vão em busca de um espaço que lhes foi negado por séculos, colocando se no centro das suas próprias decisões e quererem.

4.3. Relatos no ambiente digital

A cibercultura pode ser entendida, através de Dayana Souza, que cita Lemos (2018), como um fluxo intenso de informações, que foi adquirindo ao longo dos avanços tecnológicos, e da maior acessibilidade às tecnologias, a uma cultura de compartilhamento. O ciberespaço passa a ocupar um importante local de troca, e se torna uma extensão da vida real, como cita Dayana Souza, na publicação *Estudando Cultura e Comunicação com Mídias Sociais*:

O ciberespaço funciona como uma expansão da vida real, convergindo com outras mídias e servindo como um espaço de representações, produção e disseminação de conteúdo. Esse

¹² Fonte IPEA, consultado em 01/10/2021:

https://ipea.gov.br/portal/index.php?option=com_acymailing&ctrl=archive&task=view&listid=10-avisos-de-pauta&mailid=657-negros-sao-dois-a-cada-tres-assassinados-aponta-estudo-do-ipea

ambiente é influenciado pelas dinâmicas sociais vigentes, mas também as influencia. Assim, as representações do “eu” no ciberespaço, principalmente nos sites de redes sociais, produzem significados. Nesses signos, a interseccionalidade nos ajuda a pensar o quanto a lógica de desigualdade social também é exercida neste contexto. (SOUZA, 2018, pg.103)

Neste espaço digital de troca de informações, surgiram plataformas cujo objetivo era exatamente o de pluralizar as ideias, incentivar as trocas e aumentar esta rede de comunicação. Um desses espaços é o Youtube, plataforma de postagem de vídeos, criada em 2005, e que possui como missão “dar a todos uma voz e revelar ao mundo.”¹³

A mudança nos paradigmas tradicionais nas redes de troca de informações, é uma das abordagens dos autores de Mídia e Racismo, aproximando com as novas possibilidades que o Youtube trouxe, onde “na esfera da comunicação, mudam as relações emissor-receptor, veículo-expectador.” (BORGES; BORGES, 2012, p.65), este novo veículo de emissão de mensagem, possibilitou o alcance e a difusão de novas vozes, que por sua vez se utilizam desta plataforma para mostrar ao mundo suas visões, para falar sobre vivências pessoais e também como espaço de compartilhamento e troca de experiências.

O Youtube então tornou-se uma nova rede de compartilhamento, onde qualquer pessoa pode ter um canal, e aqueles que levam esta prática de modo mais periódico, e buscam atingir a um público mais específico, são chamados de *Youtubers*. As mulheres pretas encontrarão então, neste espaço, o local ideal para dar voz às suas pautas, sem o intermédio de ninguém além delas mesmas, suas histórias e trocas, neste espaço, não são mais feitas de modo terceirizado. Dayana Souza fala sobre como é “importante ressaltar o quanto a forma com que essas “youtubers” constroem suas imagens e os assuntos abordados” tornando-se um “agente potencializador do capital social delas naquele canal.” (SOUZA, 2018, pg.100)

A troca que essas youtubers têm através dos relatos das suas seguidoras é uma importante forma de re-estabelecer um laço anteriormente perdido. Sendo estes

¹³ Trecho extraído da página institucional do Youtube em: www.youtube.com

relatos tão pessoais e ainda assim feitos em uma plataforma pública, é extremamente válido como forma de aproximação e ressignificação de todas as trocas e papéis que haviam sido negadas às mulheres pretas anteriormente. Uso aqui as palavras da Dayane Souza, para exemplificar a potência que possuem essas trocas:

Viver, enquanto mulher negra, na contemporaneidade tem sido um desafio de tentar restituir sua própria humanidade. Falar sobre si mesma, seus traços, seus desafios e sua beleza é parte importante para sentir-se pertencente socialmente. Além disso, é um ato de resistência, como em um jogo de coexistência e empoderamento de sua própria jornada, no qual a narrativa, de fato, é um local de atividade, de ação e de subjetividades. (SOUZA, 2018, pg.102)

O ato de relatar, a prática da contação de suas histórias, nos remete diretamente às práticas ancestrais anteriormente descritas, porém os relatos através de um meio digital possuem um alcance de voz nunca antes visto. A cibercultura possibilitou que essa troca, antes restrita a um grupo, estivesse ao alcance de tantas outras pessoas, das quais anteriormente não seriam atingidas. As Youtubers pretas, neste contexto, tem um papel fundamental e são uma peça chave, já que muitas mudanças no âmbito social, cultural e econômico passaram a ser recontadas através das suas narrativas. As comunidades que se criaram no entorno de vivências que elas externaram e, que foram reconhecidas por outras tantas mulheres, tornou a prática do relato esta forma de aproximação e reconhecimento.

5. METODOLOGIA E ANÁLISE

Esta pesquisa se inicia através de uma ótica muito pessoal e particular, onde carreguei em toda a minha trajetória de vida, os aspectos teóricos levantados até então, meu lugar de fala é o mesmo de todas essas mulheres pretas as quais irei me aprofundar aqui epistemologicamente. Grada Kilomba em seu livro *Memórias da Plantação*, traz a perspectiva da professora e escritora Philomena Essed, onde a mesma discorre sobre a *subjetividade consciente*, que se configura por um sujeito que olha e vivencia de perto o seu objeto de pesquisa, que faz tão parte do todo quanto ele, “ser uma pessoa “de dentro” produz uma base rica, valiosa e em pesquisas centradas em *sujeitos*.” (Essed *apud* Kilomba, 2019, p.83).

Indo ao encontro do meu problema de pesquisa, busco colocar em pauta as nuances e perspectivas que compõem a construção identitária da mulher preta, e como esta se dá através da retomada por traços que por anos foram negados, e neste caso, os cabelos. Para entender este cenário, utilizando como recorte de pesquisa o vídeo da Youtuber Camilla de Lucas, onde a mesma relata sobre como foi a sua tomada de decisão para passar pela transição capilar e como esta se sente em relação a isto. Porém para que seja possível uma melhor compreensão dos sentidos acionados em relação a este momento, busco, além da análise do vídeo, o processo de identificação e reconhecimento que transparecem através dos comentários, em tom de relatos, sobre o conteúdo em questão.

Para entender os sentidos acionados nesses relatos, é usada a técnica de *análise de conteúdo*, sendo que a definição do corpus para tal construção utilizado foi o critério da saturação, definindo assim um limite, onde ao encontrar algum sentido de repetição nos relatos, bem como, onde entendido que aqueles obtidos eram suficientes para tal pesquisa, encerrou-se a busca. Para entender a saturação, é importante ressaltar que a plataforma, Youtube, somente direciona em datação os meses posteriores à publicação do conteúdo em até 11 meses e 29 dias, ou seja, qualquer comentário que ultrapasse esse período, entra em um critério de contagem anual. Para fins de esclarecimento, os comentários analisados tiveram o seu ponto de saturação no período delimitado como “*Há um ano*”, sendo este composto pelo

período de Julho 2020 (mês da postagem do vídeo de análise) à Outubro de 2021 (mês de extração desses comentários).

Sendo o objetivo desta pesquisa exploratório, trago nesta um caráter de reconhecimento do cenário posto, sendo este a transição capilar em si, colocando o mesmo no contexto vivenciado, que no caso é a utilização de plataformas de vídeo para trocas de relatos, buscando com isso aprofundar o conhecimento sobre este fenômeno social, explorando as conjunturas que o mesmo apresenta.

Como apoio teórico para esta análise, trago o autor Stuart Hall com seu livro *Cultura e Representação* onde o mesmo discorre sobre o “circuito da cultura”, ao qual está balizada esta análise de pesquisa, dissecando e dando enfoque aos temas centrais deste discurso, aproximando os conceitos de linguagem à abordagem de relatos, bem como esta atua dentro de um “sistema representacional” culminando em uma construção identitária. O autor ainda discorre sobre o que tem a ver representação com cultura, onde este relata que “cultura diz respeito a significados compartilhados” (HALL, 2016, p. 17), e é em busca desses significados que se cruzam e compartilham, que ancorou esta análise.

5.1. “Hello Guys” - contexto e análise do vídeo

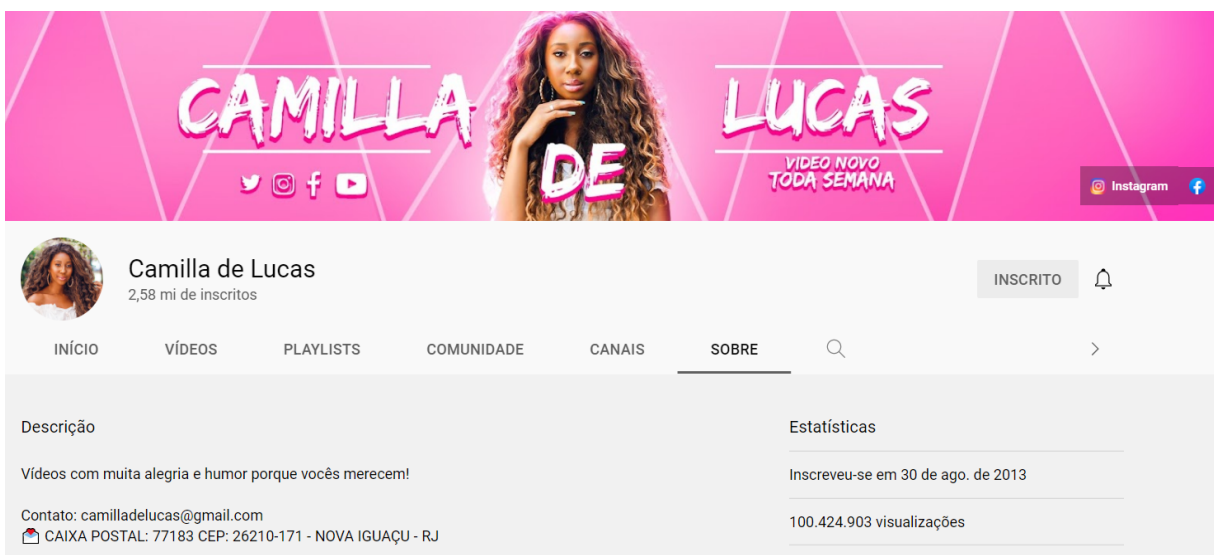
Neste subcapítulo, trago uma análise do vídeo, e dos sentidos acionados no relato da youtuber Camilla de Lucas, relacionando todo o contexto teórico posto anteriormente e categorizando tais sentidos com aqueles que serão retomados na análise dos comentários. Colocando o vídeo dentro de um contexto histórico, o mesmo foi postado dentro da plataforma Youtube, no dia 14 de Julho de 2020 e contém 18 minutos e 37 segundos, sendo intitulado como “SAI DO BELEZA NATURAL E ESTADO DO MEU CABELO! | TRANSIÇÃO CAPILAR”¹⁴.

Para fins de contextualização da pessoa do vídeo desta análise, Camilla de Lucas é uma mulher preta, tem 27 anos, possuindo um canal no youtube desde 2013, acumulando neste canal mais de dois milhões de quinhentos mil inscritos. Seu vídeo foi elencado para esta análise por este despertar muitos dos sentidos que

¹⁴ Link do vídeo, consultado em 22/10/2021: <https://www.youtube.com/watch?v=aO8PhpyP0W4>

foram levantados na parte teórica desta pesquisa, bem como pela pessoa em questão estar alinhada com os recortes necessários tal, trazendo insumos, suficientes e relevantes em relação ao conteúdo e aos comentários que vieram sequencialmente.

Figura 4 - Canal da Youtuber Camilla de Lucas



Fonte: Youtube (<https://www.youtube.com/c/CamilladeLucas1>)

O vídeo desta análise, possui 4.149 comentários, até a data de extração desta pesquisa (29 de Outubro 2021). No mesmo, a youtuber relata como foi e está sendo o seu processo de transição capilar, e durante a sua narrativa depõe sobre o motivo de ter deixado de ir ao salão fazer relaxamento nos fios de cabelo, bem como as dificuldades que enfrenta ao ter tomado esta decisão. O mesmo possui um tom de depoimento muito forte, e a youtuber aparece de “cara limpa”, com os cabelos ainda molhados do banho, o que pode ter sido um fator para a quantidade de pessoas que se identificam com ela ao assistirem o vídeo.

5.1.1. Sentidos de representação acionados

Trago aqui os sentidos de representação acionados dentro do vídeo de análise, lendo como tais sentidos aqueles que de alguma forma moldaram a

construção da forma com que a mesma vê e apresenta perante a sociedade. Tais sentidos de representação, como veremos a seguir, são articulados desde o nascimento e reverberam em práticas e decisões muitas vezes dolorosas e desgastantes. Hall nos ajuda a entender este contexto quando fala dos significados culturais:

Acima de tudo, os significados culturais não estão somente na nossa cabeça - eles organizam e regulam práticas sociais, influenciam nossa conduta e consequentemente geram efeitos reais e práticos. (HALL, 2016, pg.20)

Logo entende-se que os sentidos estão dentro de todo o processo do “*circuito da cultura*”, são perpassados e interpelam os movimentos do circuito, bem como são os norteadores de muitos dos elementos que formam a construção de identidade. Trago aqui um trecho do Hall onde o mesmo coloca luz sobre este tema:

Mas onde o sentido é produzido? Nosso “circuito da cultura” indica que sentidos são, de fato, elaborados em diferentes áreas e perpassados por vários processos ou práticas (o circuito cultural). O sentido é o que nos permite cultivar a noção de nossa própria identidade, de quem somos e a quem “pertencemos” - e, assim, ele se relaciona a questões sobre como a cultura é usada para restringir ou manter a identidade dentro do grupo e sobre a diferença entre os grupos. O sentido é constantemente elaborado e compartilhado em cada interação pessoal e social da qual fazemos parte. De certa forma, este é o campo mais privilegiado - embora com frequência o mais negligenciado - da cultura e do significado. (HALL, 2016, pg.21-22)

Entendendo o contexto do qual se dá a formação dos sentidos, trago abaixo a tabela com os sentidos acionados dentro do vídeo. Esta foi tabulada de forma a entender o momento em que a youtuber aciona tal sentido, bem como o assunto abordado neste momento.

Tabela 1: Sentidos acionados no vídeo

Índice	Tempo	Assunto	Sentido acionado
1	1:40 - 2:14	Início da química desde a infância (6 / 7 anos)	Imposição para ter um cabelo "dentro dos padrões"

2	2:15 - 2:20	Falta de lembrança de como é o cabelo natural	Falta de identificação sobre si mesma
3	2:28 - 3:25	Relato da primeira transição	Não conclusão da transição pela imposição de um cabelo que estava fora dos padrões
4	3:26 - 3:35	Relato do número de vezes que tentou a transição	Dificuldade no processo doloroso que é essa virada
5	3:40 - 4:20	Muita exposição com o canal, mais críticas ao cabelo	Novamente a rejeição de um cabelo fora dos padrões
6	4:55 - 6:30	Pressão de outras blogueiras para que todas assumam seus cabelos naturais. Entendimento sobre a importância do movimento, porém ponderação sobre os limites de imposição deste.	Invisibilidade dentro das pautas da negritude por não assumir os cabelos naturais
7	12:17 - 13:10	Fala sobre as dificuldades de parar com a química no cabelo, as consequências	Depois de tantos anos usando uma química, a dificuldade , causando dor e angústia em relação à parar ou não
8	13:10 - 13:32	Ela fala sobre não saber se vai conseguir concluir a transição, porém relata se sentir mais segura	Dificuldade com o processo
9	15:17 - 16:33	Mostra no detalhe a diferença entre a parte do cabelo com relaxamento e o que cresceu sem, e ainda relata que neste ponto muitas vezes acaba acontecendo a desistência, já que se torna mais difícil de cuidar dele.	A total exposição do cabelo gera muita identificação
10	16:50 - 17:39	Mais uma vez expõe uma fragilidade, mostrando os cabelos que caem com esse processo.	Exposição das suas fragilidades e angústias com o processo

Para auxiliar no entendimento da análise dos sentidos acionados no vídeo, dentro da Tabela 1 identifiquei, com destaque, os termos norteadores do sentido que foi acionado dentro do relato, do qual irei pontuar para analisar tais momentos.

O primeiro sentido é o da *imposição*, e esta foi ancorada a um momento do qual já discorreremos dentro da construção teórica, que é o primeiro contato que às mulheres pretas têm com os processos químicos nos seus cabelos, onde o mesmo iniciou na infância, com cerca de 6 ou 7 anos, para a Camilla. A imposição circunda os mais diversos meios dos quais essa menina preta percorre, e com o aval da sua família, que, na maioria das vezes, já vivenciou aquele momento também, essas veêm nos processos de transformação dos cabelos o meio mais adequado para se encaixar naqueles moldes previstos e já entendidos como “belos”. A profundidade que há em negar um traço tão importante dentro da identidade preta, é muito mais densa que esta pesquisa. Ainda mais profundo está o ato de submeter suas crianças a esta prática, plantando, desde muito novas, esse estigma do que é belo e aceitável nos seus corpos.

O próximo sentido é o da *identificação*, ou falta desta, que aparece no índice 2 da Tabela 1. Identificar-se com algo, alguém ou com si próprio, é uma das formas de projetar-se no futuro. Esta desconexão tão precoce da forma com o cabelo é naturalmente, causa essa falta de lembrança, logo a falta de uma identificação do “eu”. Esta construção, formada desde a infância, implica em distorções sobre a própria imagem, que acaba sempre estando centrada neste “*outro*” idealizado. Stuart Hall traz essa temática dentro do capítulo “O espetáculo do “*Outro*””, essa descentralização do “eu”, ocorre através desse formato binário de identificação, em que o preto, seus traços e características, são postas nesse lugar de *outridade*, em que essa representação não serve para estar dentro da padronização imposta.

O seguinte sentido que foi acionado dentro do vídeo, é o da *imposição*, pois de forma explícita ou não, a sociedade comumente impõe a mulher preta que se ajuste àqueles padrões aceitáveis, para que esta esteja em um local mínimo de pertencimento. No vídeo a Camilla relata que desistiu da primeira vez que tentou passar pela transição, pois não aguentou esse processo de estar se “descaracterizando” daqueles aspectos que as pessoas entendiam como aceitáveis nela. A mesma relata sobre os comentários que recebia quando expunha os cabelos mais naturais. Dentro da perspectiva de Hall sobre este tema, ele traz como exemplo a figura do ator Sidney Poitier, um ator preto da década de 1950. Poitier performava

como um homem preto que fugia das representações impostas a eles, dentro do mito da selvageria, logo era aceito para estar junto às pessoas brancas:

Bogle afirma que Poitier, o primeiro ator negro a receber “cachê de estrela” nos filmes de Hollywood “encaixa-se” *porque* ele era escalado rigidamente “em oposição as convenções”. Fizeram com que ele encenasse na tela tudo o que *não* condizia com o estereótipo da figura negra. (HALL, 2016, pg.180)

Ainda dentro desse processo de *imposição*, aparece o sentido da *dificuldade* e a *rejeição*, que neste momento acarreta na vida da Camilla, e que perpassa sobre a mesma narrativa de outras mulheres pretas. Essa dificuldade em seguir com a transição, faz parte dessa narrativa social sobre às imposições das pessoas brancas em relação à estes corpos pretos, que são vistos como os “*outros*” a serem aceitos a partir das perspectivas do aceitável, e caso esse “outro” esteja fora desse panorama, o mesmo é rejeitado. A redução das pessoas pretas à características físicas, categoriza esse lugar de “*não aceitação*”, que reverberou durante todos esses anos. Stuart Hall, nos auxiliar a entender essas construções de estereótipos, resumindo essa construção da seguinte forma:

[...] podemos agora constatar que “estereotipado” significa “reduzido a alguns fundamentos fixados pela natureza, a umas poucas características simplificadas”. O uso de estereótipos de negros na representação popular era tão comum que os cartunistas, ilustradores e caricaturistas conseguiam reunir toda uma gama de “tipos negros” com apenas alguns traços simples e essencializados. Os negros foram reduzidos aos significantes de sua diferença física - lábios grossos, cabelo crespo, rosto e nariz largos e assim por diante. (HALL, 2016, pg.173-174)

A *invisibilidade* sentida pela Camilla, dentro da pauta da negritude, por não assumir os cabelos naturais, reflete um comportamento que por vezes levanta questões sobre os movimentos pretos. Não busco com esta análise um aprofundamento sobre até que ponto o querer é natural, ou uma condição imposta tão enraizada que dificulta esse entendimento sobre assumir ou não os cabelos naturais, nem sobre até que ponto os movimentos fazem essa “pressão” para que pessoas com tanta visibilidade, assumam os seus cabelos e traços. Porém acredito

ser de suma importância a reflexão sobre este contexto, e por este motivo resolvi trazer aqui este ponto.

Por fim a *exposição*, que neste contexto trás duas principais consequências: primeira a da aproximação com o público, pois como veremos, é graças a esta alta exposição que se consegue mostrar para outras mulheres pretas, o quanto também se sofre com o processo, permitindo assim essa troca tão profunda de experiências e lutas. A segunda é a da crítica, a alta exposição da Camilla, sujeita ela a encontrar ainda mais olhares preconceituosos, e que de forma alguma fazem a mínima questão de entender o seu relato, e também a sua vivência.

Neste último ponto, podemos ancorar essa “facilidade” em fazer tais críticas com algumas políticas de *poder* que se identificam nesta conjuntura. Como já elucidamos anteriormente, a mulher preta é a “base da base”, sendo ela o último estágio de *outridade*, se assim fôssemos classificar nessa conjuntura. Estando a mulher preta neste local, ela sofre ainda mais com as políticas de poder impostas, logo, qualquer pessoa, diferente dela, sente-se no direito e, tem a facilidade de externar o seu preconceito, sem maiores restrições. Hall aborda este tema quando fala no quanto os estereótipos existem justamente quando se há essa desigualdade tão grande de “poder”:

O terceiro ponto é que a *estereotipagem tende a ocorrer onde existem desigualdades de poder*. Este geralmente é dirigido contra um grupo subordinado ou excluído, e um de seus aspectos, de acordo com Dyer, é o *etnocentrismo* - “aplicação das normas da própria cultura para a dos outros” (Brown, 1965: 83). (HALL, 2016, pg.192)

Tensionar esses sentidos acionados no vídeo da Camilla, nos ajuda a entender os pontos de identificação que o mesmo gerou com as mulheres pretas que também se sentiram confortáveis em relatar as suas dores dentro desses comentários. Essa percepção de enxergar a youtuber como uma pessoa tão real quanto, quando a mesma expõem às suas fragilidades, coloca todas em uma mesma régua, onde uma é o espelho da outra e ambas se apoiam.

5.2. Reconhecimento - Análise dos comentários do vídeo

Este subcapítulo tem por objetivo compreender e analisar os comentários em tom de depoimento que se aproximam da definição teórica dada aqui como relato. Entender esse processo de tamanha identificação, a ponto de também expor as suas próprias narrativas, tem como objetivo dar luz a essa forma de reconhecimento e reverberação ancestral. Formar e construir uma identidade pautada em vivências próprias e semelhantes a um grupo do qual se identifica, possui bases muito mais fortes, consistentes e que dialogam com as necessidades e interesses daquele grupo em questão.

Como veremos nos comentários a seguir, os sentidos acionados neles possuem a *identificação, aceitação e apoio* como principais características. Entender este local em que ao mesmo tempo você se identifica e se aceita é um salto gigantesco para a história de um grupo que teve sua ancestralidade vivenciando quadros de luta e dor.

Para facilitar a leitura destes comentários, os mesmos foram tabelados e colocados no Anexo 1 desta pesquisa, por lá é possível consultar todos aqueles extraídos do vídeo, bem como será possível acompanhar nos momentos em que for feita menção sobre algum comentário específico, que talvez não caiba inserir-lo por completo ao longo do texto. Aqueles comentários inseridos no texto foram postos como citação, sendo identificados pelas iniciais de quem comentou, bem como o período em que o comentário foi feito.

Os comentários dos vídeos seguiram alguns critérios para serem elencados como relevantes para esta análise: a) devem ter um sentido de relato, caso não, devem cobrir alguma ponta não identificada nos demais; b) aqueles com sentido de relato devem ter sido feito por mulheres pretas, filtro este feito pela foto identificada no comentário e/ou pela própria descrição da mesma como tal; c) seguiram sendo elencados até um ponto de saturação, onde a repetição dos sentidos passou a ser recorrente, logo encerrou-se a busca.

Visando trazer a análise de forma mais coerente e direcionada, identifico os sentidos acionados, discorrendo sobre tais, assim como foi feito com a análise de

conteúdo do vídeo. Como são muitos comentários, trarei um ou dois para exemplificar a análise, e os demais serão identificados em suas posições no rodapé de cada sentido, os quais estão inseridos dentro do Anexo 1 desta pesquisa.

O primeiro sentido identificado de forma recorrente é o da *imposição*, o mesmo apareceu na análise de conteúdo do vídeo, e aparece da mesma forma dentro da análise dos relatos.

A imposição identificada nos relatos, se dá pela família, que ainda na infância dessa mulher, com relatos que identificam o início desse processo aos 4 anos, utilizaram das químicas capilares para modificar os fios de cabelo destas. Podemos considerar essa prática, dentro deste contexto social, como sendo muito comum. Porém é extremamente necessário entender o ponto de partida dessas famílias, que em geral tem como tomadoras de decisão às mães dessas meninas, que entendem como necessária essa transformação do cabelo. As mesmas carregam, dentro de todo o seu contexto de história de vida e de convivência social, as cargas do racismo, e entendem que performar traços pretos dentro de uma sociedade que as exclui pode ser muito mais doloroso do que a modificação dos fios através de produtos químicos capilares. Essas mães passaram por este mesmo processo, alisando, relaxando ou modificando os cabelos sempre que necessário para estarem dentro deste padrão e o mesmo fizeram com suas filhas.

Camila tenho 61 anos, desde pequena minha mãe ali dava meu cabelo porque ela dizia que não tinha tempo de pentear, cresci alisando... depois de adulta passei muitos anos sem alisar, depois ali sei e fui assim... hoje tem 8 anos que não relacho meu cabelo... assistindo vcs blogueiras descobri um 4a /b lindíssimo, com produtos para cabelos crespos que tem hoje, me sinto livre e feliz... cada um deve fazer o que quiser, bjss. (MLS, há 1 ano)

A primeira vez que relaxaram o meu cabelo eu tinha 4 ou 6 anos, hoje eu tenho 21 anos e não sei como meu cabelo é porque eu fiquei muito dependente da química capilar. Em fevereiro eu tive um corte químico pesado (já tinha acontecido há uns 6 anos de forma pio não afetou minha autoestima como dessa vez) dai eu resolvi não alisa mais (primeira vez que resolvi fazer transição),porém como eu havia dito eu sou refém da química há 12/13 anos e é muito difícil principalmente porque meu cabelo natural tem curvatura 4 se eu não me engano, então tomei vitamina para acelerar ainda mais o

crescimento (ele já cresce rápido), então com 3 meses meu cabelo já tinha crescido bastante, mas não me acostumei até porque tinha a parte lisa e um tamanho bom que tava crespo, então corte e deixei 3 dedos de comprimento ainda alisado e relaxei com um produto bem mais fraco... tô na fase de negação ainda e to na dúvida se coloco trança, cabelo orgânico ou se paro com a transição, espero que consiga levar isso pra frente até porque não sabemos os danos à saúde que o alisamento causam à longo prazo. Parabéns pra quem conseguiu passar por isso e força pra quem tá passando ou pretende passar. E se você desistiu, tá tudo bem, o importante é você se sentir bem consigo mesmo. (AP, há 1 ano)

Estes padrões fazem parte, também, dos circuitos culturais que dizem respeito a *linguagem e representação*, comunicar a mesma linguagem seria uma forma de se sentir “pertencente” a um mesmo grupo de representação, mesmo que, de fato, seja diferente. Hall interpreta este constructo como essa *linguagem*, que também é física, e que denota os sentidos de *representação* aos quais se vislumbra pertencer.

Membros de uma mesma cultura compartilham conjuntos de conceitos, imagens e ideias que lhe permitem sentir, refletir, e, portanto, interpretar o mundo de forma semelhante. Eles devem compartilhar, em um sentido mais geral, os mesmos “códigos culturais”. Deste modo, pensar e sentir são em si mesmos “sistemas de representação”, nos quais nossos conceitos, imagens e emoções “dão sentido a” ou representam - em nossa vida mental - objetos que estão, ou podem estar, “lá fora” no mundo. (HALL, 2016, pg.23)

Ainda dentro dessa narrativa de imposição, tem um comentário no vídeo que nos auxilia também a entender esse contexto. Essa pressão, que vem dos mais diversos pontos sociais aos quais se convive, forma essa rede que impõe e delimita qual o tipo e como as mulheres pretas devem usar os seus próprios cabelos.

Mas temos que perceber. A pressão que muitos negros dão para usar o cabelo natural, não chega nem aos pés a pressão de ter o “cabelo bom”... Uma coisa é uma galera encher seu saco outra você perder o emprego, família e até relacionamento. O negócio para transição é CORAGEM, tem que ter CORAGEM.. (MA, há 1 ano)

Esta imposição pelo o que se tem como correto e modelo a ser seguido, provoca uma reação em cadeia das quais trago aqui dentro dos próximos sentidos acionados nesta análise.

A dificuldade, o medo, a tentativa frustrada, a desistência, o racismo e a crítica, tantos sentidos que convergem em uma mesma temática, a experiência dolorosa que é, para essas mulheres, ao menos tentar passar pela transição capilar. A angústia em alguns relatos que abordam estes aspectos, nos traz para este ponto que ainda necessita de muita atenção, que é o da *aceitação*. A dificuldade com o processo de transição é sempre pontuada como este ponto de sofrimento, que está balizado dentro de um contexto de baixa autoestima, em que não se reconhece ao se ver no espelho e também não se sente confortável com os olhares que passa a receber durante este processo.

Eu passei pela transição em 2014 tbm, fiz um corte bem baixinho lá no beleza natural e eles fizeram o super relaxante. Tbm só fui uma vez, na vdd eu coloquei na cabeça que o meu cabelo ficaria cacheado, pq a sociedade nos tira de uma ditadura para colocar em outra, então fui deixando crescer naturalmente e usando muitos produtos para “definição”, depois de 2 anos com o cabelo já todo natural ele começou a se apresentar de fato como ele é, com sua verdadeira textura que é o crespo, então eu já não estava mais me sentindo tão bem, todo o processo de transição e aceitação é bem difícil principalmente quando a gente já cresce nessa cultura racista que demoniza nossos traços. Em 2016 eu relaxei e acabei com todo o processo, o relaxamento acabou com o meu cabelo, fiquei triste com isso, voltei a cortar, pois já havia passado pelo processo de cabelo curtinho e decidi que enfrentaria minhas frustrações e vergonhas, achei apoio de mulheres negras e fiquei muito mais forte em relação a isso. Cortei o cabelo em 2016 pela segunda vez, bateu na cabeça e aceitei que meu cabelo é CRESPO e não cacheado, parei de ficar querendo o que não era minha realidade, e estou até hj muito bem com meu cabelo assim. Tenho cabelo crespo tipo 4a e 4b, e entendo a dificuldade das meninas que estão tentando assumir seu natural. (ER, há 1 ano)

O relato acima trás essa perspectiva de não reconhecimento dos traços pretos, essa negação sobre o próprio corpo. Esse ponto de imposição, onde, mesmo após já ter passado pelo processo, o desconforto com a imagem que se vê no espelho é tão grande, que se resolve passar a usar química novamente. A

configuração deste ciclo entre tomada de decisão, dificuldade com o processo, não aceitação e desistência, provoca esse enorme buraco em relação à auto imagem que a mulher preta faz de si.

O medo, o racismo e a crítica, se fazem presentes dentre àquelas mulheres que por vezes querem deixar de usar produtos químicos nos cabelos, mas sentem que serão julgadas quando assumirem seus traços naturais. O uso de termos como “cabelo ruim”, “difícil de lidar”, entre tantos outros, faz reforçar esse local em que o racismo estrutural está tão enraizado, a ponto de tais falas serem reproduzidas por aquelas que sofrem desse mal.

Não deixo de usar Química por medo de comentários, mas sim por medo da reação do meu cabelo, por medo de voltar ao ciclo que eu vivia, de me odiar, etc. Muita gente comenta do meu cabelo, e realmente ele não é fácil kkkkk tentam me rebaixar, perguntar sobre meu cabelo, fazendo comentários do tipo “Vai com seu cabelo assim?”, “Eu prefiro assim”. Tenho medo de voltar a ter problemas que eu tinha antes de me aceitar e medo dele ficar “ruim” de novo”. (CS há 1 ano)

Já passei pela transição inúmeras vezes, na infância e adolescência por conta de troca de química. No final de 2014 cortei meu cabelo bem curtinho por conta de corte químico e foi muito difícil, sabe, as pessoas falam cada coisa que acabaram me desanimando, acabei fazendo relaxamento, coloquei mega e por fim passei progressiva de novo. Hoje estou com 10 meses se transição, tentando driblar comentários que não agregam e lidar com meu nessa fase, meu cabelo é um 4a e tá embolando tanto e caindo igual ao seu estou a ponto de surtar, mas tô seguindo firme. Faz mais vídeos falando da sua transição.. (LG há 1 ano)

Essa construção de sentidos depreciativos do corpo preto, está dentro desse papel de estruturação de *códigos de representação*, onde os cabelos das mulheres pretas possuem este *código* de algo a ser rejeitado, bem como explica Hall, em relação à construção desses sentidos:

O principal ponto é que o sentido não é inerente às coisas, ao mundo. Ele é *construído*, produzido. É o resultado de uma prática significativa - uma prática que *produz* sentido, que *faz os objetos significarem*. (HALL, 2016, p.218)

Ainda dentro deste cenário, a construção na qual está pautada o movimento de transição capilar, essa busca por reconhecer-se, ainda é de um ponto de vista somente das mulheres pretas, essa ótica de mudança por enxergar o que era considerado “negativo”, exaltando e fazendo com que seja reconhecido como algo positivo, ainda circula somente dentre às pessoas afetadas por isso. Hall aborda esta perspectiva, nos ajudando a entender o porquê que tal mudança ainda está tão ancorada dentro da “aceitação” daquelas pessoas que exercem esse ponto de *poder* em relação à construção desses sentidos.

O problema da estratégia do positivo/negativo é que, embora a adição de imagens positivas ao repertório amplamente negativo do regime dominante de representação aumente a diversidade com que “ser negro” é representado, o aspecto negativo não é *necessariamente* deslocado. Já que os binários não foram deslocados, o significado continua a ser enquadrado por eles. A estratégia desafia os binários - mas não os prejudica. (HALL, 2016, p.218)

Como já vimos na construção desta pesquisa, toda a carga que o racismo provoca na auto aceitação das mulheres pretas está, ainda, muito ancorada nas vivências da escravização. Desconectar deste local, onde nos colocaram como seres inferiores, fazendo-nos, por muitas vezes, com que se enxergue assim, é um processo que ainda está em acontecimento. Quando falamos de transição capilar é este local de busca, de retomada de consciência, de não imposição, de reconstrução da própria imagem e de acolhimento. Um dos comentários no vídeo da Camilla, nos ajuda a refletir sobre como pode se dar esse caminho de autodescoberta.

Quando você não lembra como seu cabelo era antes da química, se desce criança, vc usa química. É que o processo foi imposto. E você precisa de uma processo de desconstrução de sua imagem. E passar por um processo de enxergar a beleza do seu cabelo natural. A sua geração e as gerações anteriores foram quase que obrigadas a alisarem os cabelos. A nova geração é que, talvez, pela primeira vez, possa bater na tecla de que optou pela química, mas acho que esse não é o seu caso, nem o meu.. (AM há 1 ano)

Essa nova percepção da própria imagem se ancora em um dos sentidos acionados que é o da *troca de conhecimento*. Dividir os processos e conhecimentos

que podem facilitar a passagem desse momento é uma forma de demonstrar e de dizer que esta mulher não está sozinha neste momento.

Podemos ancorar essa troca de conhecimento, dentro de uma figura que já discorreremos nesta pesquisa anteriormente, que é o griot. A figura do griot e a prática da oralidade podem ser interpretados pelo resgate desta prática ancestral que é a do compartilhamento. Transmitir as próprias vivências, e além disso, compartilhar os seus conhecimentos sobre as melhores formas de cuidar dos cabelos retoma este lugar de contadoras das próprias histórias e força essa adaptação de quem antes não enxergava nesses conhecimentos uma abordagem relevante a ser seguida.

Hall aborda em seu livro a análise sobre as teorias de Saussure, em relação a significantes e significados, onde discorre sobre a flutuação desses conceitos. O conhecimento sobre plantas e ervas (significado), que era tido como irrelevante (significante), passou por esse ponto de desconstrução de visão.

(...) a relação entre significante e significado, que é fixada pelos nossos códigos culturais, não é, argumentou Saussure, permanentemente fixa. Palavras mudam seus sentidos. Os conceitos (significados) aos quais elas se referem também se modificam, historicamente, e toda modificação altera o mapa conceitual da cultura, levando diferentes culturas, em distintos momentos históricos, a classificar e pensar sobre o mundo de maneira diversa. Por muitos séculos, sociedades ocidentais associaram a palavra PRETO como tudo que era escuro, mau, proibido, diabólico, perigoso e pecaminoso. Contudo, pense em como a percepção das pessoas negras nos Estados Unidos na década de 1960 mudou depois que a frase “Black is beautiful” [Preto é bonito] tornou-se um *slogan* famoso - na qual o *significante*, PRETO, foi levado a significar o sentido exatamente oposto (significado) às suas associações prévias. (HALL, 2016, p.59)

Dentro do movimento de transição capilar, esse resgate de práticas ancestrais tomou impulso, receitas caseiras, conhecimentos que estavam a muito tempo guardados, voltaram à tona e convergiram neste local de troca, como podemos ver nos comentários abaixo:

Quando você não lembra como seu cabelo era antes da química, se desce criança, vc usa química. É que o processo foi imposto. E você precisa de uma processo de desconstrução de sua imagem. E passar por um processo de enxergar a beleza do seu cabelo natural. A sua

geração e as gerações anteriores foram quase que obrigadas a alisarem os cabelos. A nova geração é que, talvez, pela primeira vez, possa bater na tecla de que optou pela química, mas acho que esse não é o seu caso, nem o meu.. (AM há 1 ano)

Eu já passei por duas transições e sei como é difícil ver o cabelo saindo aos montes na mão. Da um desespero. Mas vou te dar uma dica que foi para mim uma salvação. BABOSA. simm. Essa planta deveria chamar milagrex. Porque faz milagre. Meu cabelo caia aos monteess. Tenho várias plantas babosas em casa e para parar de cair passei na raiz e cabelo todo pus touca e fui dormir. (passa o gel de dentro da babosa). No outro dia lava. Sério. Vai parando de cair imediatamente! Faz que você vai ver q seu desespero vai passar. (CB há 1 ano)

Parabéns por essa decisão, e mais ainda por estar confortável com ela. Quanto a quebra do cabelo, quando eu ainda relaxava, tbm aconteceu comigo, por usar produtos mt fortes. Tenta fazer reconstrução e umectacção com óleo de rícino, ajuda a dar uma força a mais pro cabelo. Boa sorte, eu espero que você consiga ir até o fim dessa vez, o seu cabelo já tá muito lindo natural. Força! (JB há 1 ano)

Camilla vai fazendo a hidratação com amido de milho e leite de coco ou a fécula de mandioca de fazer tapioca com leite de coco e mistura com os teus cremes de hidratação. Eu faço e deixo de meia a 1h na touca, fica mara! Vai te ajudar muito. O óleo de rícino e coco natural também vai te ajudar nesse crescimento rápido, e uma queratina líquida vai te ajudar no fortalecimento também pra não quebrar tanto, eu uso uma vez no mês ou de 15 em 15 dias a Queratina brasileira da Novex, ela é boa e barata, deixo os 15min e depois hidrato normal. Beijo, força e não desiste! (VF há 1 ano)

Essa rede que se forma, traz à luz os últimos quatro sentidos acionados, que carregam consigo muita força e carga emocional, sendo eles: *identificação*, *apoio*, *empoderamento* e *aceitação*. Esses sentidos abraçam um ponto levantado na construção teórica desta pesquisa, que diz respeito sobre a inversão da ótica colonizadora. A identificação com alguém semelhante a si, que compartilha das mesmas vivências, provoca, neste caso, esse efeito de empoderar-se sobre seu próprio corpo e aceitá-lo com suas formas e do jeito que ele é. Apoiar-se umas nas outras, incentivando e entendendo o processo pelo qual se passa dentro da transição capilar, passa a ser este local de acolhimento que muitas não tinham antes.

Como já dito, esta política de inferiorização atinge pontos tão profundos na construção dessa mulher sobre si, que fez muitas desistirem do processo de transição por não aguentarem essa pressão posta em cima de seus corpos. Ainda assim, é preciso entender que este movimento atinge pontos que visam causar justamente o efeito contrário, quanto mais mulheres pretas vistas com seus cabelos naturais, amando a si de forma completa, se força essa ótica de algo que não deve mais ser aceito e se “normaliza” essa construção. Dentro do capítulo *O espetáculo do outro*, Hall aborda exatamente este momento, onde se aceita e se celebra esta imagem ou termo tido como “negativo”, e passa a se enxergar essa construção de forma positiva.

A segunda estratégia para contestar o regime racializado de representação é a tentativa de substituir imagens “negativas”, que continuam a dominar a representação popular, por várias imagens “positivas” de pessoas negras, de sua vida e cultura. Esta abordagem tem o mérito de corrigir o equilíbrio e é sustentada pela aceitação da diferença - de fato a sua celebração. Ela inverte a oposição binária, privilegiando o termo subordinado, às vezes lendo o negativo de forma positiva: “*Black is Beautiful*”. Tenta construir uma identificação positiva do que tem sido visto como abjeto. Expande muito a *gama*, de representações raciais e a complexibilidade do que significa “ser negro” desafiando assim o reducionismo dos estereótipos anteriores. (HALL, 2016, pg.216)

Dentro dos relatos, podemos perceber muitos deles com esses quatro sentidos acionados. A identificação causada, nas mulheres pretas, ao verem alguém que relata ter passado pelas mesmas dores que elas, provoca essa curva acentuada de reconhecimento. Passar a pautar as suas próprias necessidades com aquelas que debatem sobre as mesmas problemáticas que elas, forma uma rede de apoio que tem as suas características e necessidades, físicas e emocionais, no centro deste debate. Nos relatos abaixo, conseguimos identificar que estes sentidos, da *identificação, apoio, empoderamento e aceitação*, formam essa corrente, onde o relato é uma forma de externalizar o que se vive e sente, mas que também é uma forma de demonstrar que a outra mulher não está sozinha.

Esse vídeo era tudo o que eu estava procurando! Por conta da pandemia, estou sem química desde março e penso justamente em fazer a transição (1a vez)! Meu cabelo também quebra durante o

banho, sem química ele é um 4C, com química vira um 4A ou um 3C. Já usei tranças durante 5 anos, achava lindo, não usei com o objetivo de fazer a transição (nem existia esse termo na época). Mas logo quando eu tirei as tranças, fiz relaxamento e não parei mais...penso em redescobrir meu cabelo 40 de novo, quem sabe a gente se entende! Obrigada (GV há 1 ano)

Eu amei o vídeo e fico imensamente feliz por ter mais pessoas com essa mesma visão e opinião a cerca do relaxamento, permanente. Acho que a internet é sempre muito cheia da opiniões das pessoas e tudo bem, mas a maioria das vezes as pessoas quer impor em nós aquilo que eles mesmo vivem e pautam como "o correto". Eu sempre amei cabelo cacheado e cresci fazendo relaxamento e depois fiz o permanente, mas só depois que aprendi sobre mim mesmo e me desfiz daquilo que as pessoas falavam que eu realmente me senti segura para passar pela transição definitiva. Estou desde fevereiro sem aplicar química tbm e estou me sentindo super bem tbm! Espero que você se sinta livre pra ser quem realmente é e se isso permanecer continue compartilhando, eu vou amar ter mais pessoas passando pela transição e compartilhando sobre isso. Beijo (AC há 1 ano)

Nos dois relatos acima fica clara a importância do vídeo da Camilla para essas mulheres, e ambas fazem questão de externalizar isso. Além de entenderem este local de reconhecimento na vivência da youtuber e como essas perpassam as suas vivências também, existe esse sentido de apoio. Essa descoberta de si, como podemos ver no relato da posição 50, esteve tão atrelada a essa construção pautada pelos cabelos, que a mesma discorre sobre este local de segurança que passou a encontrar quando finalizou a transição. Segurança esta, que como já vimos, está longe de ser algo fácil de ser conquistado.

OIII PESSOINHASSS, se vc está passando pela transição, não desista! Vou contar um pouco da minha história, assim como a Camilla, dê de pequena fazia química no meu cabelo e não aceitava muito bem, na escola meu cabelo era zuado e entre outras pessoas então... Se meu cabelo não estivesse bom, eu nem saía de casa, de tão apegada a ele e queria sempre andar na tendência. Eu fiquei 16 anos usando química e a química, era algo que me confortava, pois como ficava de "acordo com os padrões da sociedade". Eu tentei entrar na transição, mas desisti e fiquei 1 ano se ia ou não ia kkkkkk ai gente, no começo é assim... ENTÃO0000 EU ENTREI KKKK e não foi fácil, eu vendo aquelas 2 texturas no cabelo, MISERICORDIAAAHH, Estilo azeite e água, que não se misturam SENHORRRR, fiquei usando um bom tempinho coque, e foi indo, comprei cremes e procurei fazer hidratações e fui pesquisando e

ficava ansiosa, pois não sabia a curvatura do meu hair (confesso que queria aqueles cabelões bem enroladinhos 3C/4a) mas o tempo foi passando, e terminei minha transição com box braids e foi maravilhoso, tirei as tranças e vi que aquelas duas texturas, então fui no espelho e cortei sozinhaaaa meu cabelo e não chorei nem nada, pelo contrario, me senti livre e chorei de alegriaaaaa e o corte ficou lindo viu, de verdade, valeu a pena 9 meses de transição!!! Se cortarem o cabelo, recomendo ir no salon, caso não maneje muito bem da tesoura hahaha. Meu cabelo, é 4C/4B e eu amo meu black <3. Então mana, não desistaaaa, vai doer, mas se não dói não é sacrificio!!! Depois vc vai ficar feliz pelo processo que vc passou e enfrentou!!!! A mais vão falar do meu cabelo??? QUERIDAHHH VÃO SIMMM, MAS LEMBRE-SE QUEM DECIDE ALIMENTAR COMENTARIOS NEGATIVOS OU POSITIVOS É SUA ESCOLHAA, então luteeee!!! OBS: SE VC USA QUÍMICA, não tenho nada contra kkkk, cada pessoa faz o que quiser com seu hair, o importante é ser feliz <3 bjsss meus amores (TV há 1 ano)

Relaxo meu cabelo no Beleza faz anos. Foi o único salão em que meu cabelo não caiu tudo de vez... Mas percebo como perdi cabelo ao longo do tempo, porque eu nunca consegui criar uma rotina de hidratação. Relaxo meu cabelo desde os 6-7 também e não faço ideia de qual seja a textura do meu cabelo. Primeira vez que tento a transição, e suspeito que meu cabelo seja 4C. Tem sido difícil ver duas texturas e pensar que iniciei o processo porque era impossível continuar relaxando, mas seguirei acompanhando sua experiência. Gratidão meu bemm
Meninaaa ver esse vídeo extremamente necessário me ajudou a ter força, viu (MP há 1 ano)

Os outros dois comentários acima reforçam a dificuldade deste processo. Ver o cabelo mudando, com duas texturas (em geral a raiz que está crescendo mais crespa e as pontas mais lisas), causa esse desconforto e angústia relatados. Porém esse reforço do local importância que o vídeo da Camilla está tendo nesse processo.

Acredito que os relatos elencados acima conseguem refletir a importância desta rede de apoio entre mulheres pretas, constroem às perspectivas que considero aqui fundamentais, e que são norteadoras para a construção identitária desta mulher, onde esta passa agora a estar pautada nas suas necessidades, nas suas realidades e tendo elas como foco principal da narrativa.

Retomo, então, os sentidos identificados nos relatos, sendo estes: imposição; identificação; empoderamento; apoio; dificuldade no processo; aceitação; troca de conhecimento; desistência; medo; reflexão. Sendo que ao longo da pesquisa foram

identificados comentários negativos, elencados dentro deste cenário como “*crítica*”, ao processo. Todos esses pontos nos auxiliam a entender o cenário e as dificuldades enfrentadas por essas mulheres, vamos entender então, no próximo tópico, como as construções de identidade se moldam através dessas narrativas.

5.3. Identidade - Análise dos processos de construção identitária

O objetivo central desta pesquisa está pautado na construção identitária da mulher preta através da transição capilar. Entender os sentidos acionados identitariamente quando uma mulher se enxerga, se apodera e constrói a sua própria narrativa, depois de ter enxergado seus cabelos de forma natural, é o ponto final do qual se deu toda essa construção até aqui.

Como já interpretado na construção teórica, entendo a construção identitária da mulher preta como uma *identidade em transição*, advindos deste local, ao qual, suas ancestrais não eram “donas” desta terra, trazendo consigo esse histórico de barreiras impostas ao próprio corpo, que agora tentam ser combatidas.

Dentro desta construção, é importante entendermos que a construção identitária está ancorada dentro dos processos de representação do outro, que como relatado no início desta análise, se faz presente dentro do circuito da cultura. Para entender de forma mais completa este cenário, anoro duas perspectivas do mesmo autor, neste caso Stuart Hall. A primeira diz respeito ao *papel da representação* dentro do circuito da cultura, no livro *Cultura e Representação (2016)* e a outra sobre a *cultura nacional*, do livro *Identidade Cultural da Pós Modernidade (2020)*.

O papel da representação dentro do circuito cultural está ligado ao papel que a linguagem, e a tradução desta, e como ela “opera como um *sistema representacional*” (HALL, 2016). Dentro desta perspectiva Hall conceitua como indivíduos pertencentes a uma mesma comunidade compartilham dos mesmos elementos para dar sentido às representações:

Membros de uma mesma cultura compartilham conjuntos de conceitos, imagens e ideias que lhes permitem sentir, refletir e, portanto, interpretar o mundo de forma semelhante. Eles devem compartilhar, em um sentido mais geral, os mesmos “códigos

culturais". Deste modo, pensar e sentir são em si mesmos "sistemas de representação", nos quais nossos conceitos, imagens e emoções "dão sentido a" ou representam - em nossa vida mental - objetos que estão, ou podem estar, "lá fora" no mundo. (HALL, 2016, pg.23)

Entendendo que os sistemas de representação estão pautados dentro de uma construção na qual indivíduos compartilham das mesmas linguagens para se comunicar, nos faz analisar sob quais linguagens estavam ancoradas os sistemas representacionais, que fazem parte da construção de uma identidade de grupo, das mulheres pretas dentro da sociedade presente.

Como foi possível observar nas análises dos relatos anteriores, a referência de representação destas mulheres sempre esteve fortemente ligada às perspectivas eurocêntricas, logo desconexas com às suas realidades, mas forçadas a reproduzir o mesmo sentido linguístico que se configura dentro da sociedade que essas vivem. Essa imposição pôde ser sentida por essas mulheres que, ainda crianças, foram introduzidas a esta descaracterização dos seus cabelos. Levando em consideração que a identidade é um aspecto social em constante mudança, sua construção, quando pautada fora dos eixos originários desta, possui este deslocamento de linguagem, à qual se busca resgatar com o processo de transição capilar.

O relato abaixo nos ajuda a entender essa perspectiva de dar uma nova representação a esta linguagem que foi descaracterizada, passar por cima desse processo de imposição, como veremos, causa essa sensação de "libertação", de reencontro e reconexão.

Um dos melhores dias da minha vida foi quando eu FINALMENTE cortei meu cabelo depois de 11 meses em transição. Antes disso, tentei 3 vezes deixar sem química, mas não tinha propósito, eu só não queria ficar passando alisante a cada 15 dias pra "manter ele no lugar". Até que um dia eu pensei "quero conhecer meu cabelo" eu alisava desde os 4/5 anos, não sabia como era. Com 6 meses de transição eu comecei a passar o sufoco pq o cabelo crespo com duas textura não tem o como deixar legal. Era trança e coque o tempo todo. Gente, um dia antes de cortar eu nem consegui dormir porque esperei demais por isso. A família inteira contra, foi o período que MAIS sofri racismo sem duvidas. Bem, já se passou 5 meses e eu me pergunto sempre "como eu vivi tanto tempo sem esse cabelo?" minha autoestima aumentou tanto, eu me sinto tomando posse da minha verdadeira identidade, sabe? Continuo ouvindo uma vez ou outra comentários escrotos. Mas no lado dos amigos e desconhecidos foi

total apoio. A parte pior foi da família, o que acabou pesando demais. A transição da vontade de chorar até pra se arrumar porque você sabe que não tem o que fazer com o cabelo, autoestima fica baixa, as críticas e racismo é pesado (tô falando de crespa). Transição de cabelo crespo é outro nível, emocional abala de verdade racismo faz parecer que você está matando alguém por deixar seu cabelo natural... mas enfim, só sei que foi a melhor decisão da minha vida. Durante a transição e quando eu relaxava era bem quebradiço e dava trabalho manter. Hj em dia é beeeeeem melhor e to sempre me sentindo arrumada! Viva nossa coroa natural (ML há 11 meses)

Para além dos aspectos encontrados dentro deste sistema de representação, é importante entender que ainda perpassa, sob este mesmo contexto, o mito da “cultura nacional”, que está ancorado sob três conceitos chave: “as *memórias* do passado; o *desejo* de viver em conjunto; a perpetuação da *herança*.” (HALL, 2016)

Essa unificação de todos regidos por uma “mesma cultura”, traz essa sensação de que seríamos todos pertencentes a um “único povo”. Essa perspectiva é invalidada quando colocamos ela dentro do mundo moderno, com todas as trocas e transformações da qual o mesmo acarreta. Hall, reforça esse tema aos analisar esse momento histórico de unificação de culturas:

Uma forma de unificá-las tem sido a de representá-las como a expressão da cultura subjacente de “um único povo”. A etnia é o termo que utilizamos para nos referirmos às características culturais - língua, religião, costume, tradições, sentimento de “lugar” - que são partilhadas por um povo. É tentador, portanto, tentar usar a etnia dessa forma “funcional”. Mas a crença acaba, no mundo moderno, por ser um mito. A Europa Ocidental não tem qualquer nação que seja composta de apenas um único povo, uma única cultura ou etnia. *As nações modernas são, todas, híbridos culturais.* (HALL, 2020, pg.46-47)

Então pensando que o contexto de unificação de uma cultura nacional é uma falácia, essa retomada de local centrado de reivindicação das mulheres pretas, que assumem seus cabelos naturais, além de ser de extrema importância política, deveria ser visto somente como este hibridismo cultural de uma sociedade que não é única, em traços, cultura e representação. Porém, acima de uma aceitação de *hibridismo cultural*, está o reforço da construção dessa cultura em cima de moldes

racistas, e é neste ponto que a transição capilar deixa de ser somente a retomada dos traços naturais, e passa a ser um ato político de reivindicação de espaço.

Os sentidos acionados dentro da construção deste novo espaço, que coloquem a identidade da mulher preta como questão, perpassa principalmente sobre a *aceitação*. No anexo 1 desta pesquisa podemos ver que os comentários que possuem essa ação neste sentido estão sempre ancorados em palavras e frases como *“liberdade”*, *“não é fácil mas valeu a pena”*, *“não conhecia meu cabelo e ele é lindo”*, *“mais realizada e livre com meu cabelo natural”*.

Eita, lá vem textão, seu vídeo me fez refletir (Tudo bem se não quiser/puder ler, escrever isso vai me fazer bem). Nossa história de cabelo é parecida. Também comecei fazendo permanente e depois me encontrei no relaxamento do Beleza Natural (Uhul Nova Iguaçu). Lembro que quando criança, o permanente deixava um buraco de cabelo quebrado no topo da cabeça, era bem triste e frustrante. Na adolescência descobri o BN e nele meu cabelo crescia bem mais saudável, sem quebrar, com um aspecto bonito, e me vi feliz e livre daqueles bobs que precisava usar no permanente. Fiquei uns 6 anos fazendo relaxamento no BN e não tenho nada relevantemente ruim para falar deles. Há uns 2 anos e meio, comecei a pensar no dinheiro que estava gastando com cabelo, quase 100 reais em relaxamento a cada 3 meses, sem contar os produtos para mantê-lo. Daí preferi economizar esse dinheiro ou usar com outras coisas. Fiquei 8 meses sem relaxar o cabelo. Depois de uma frustração na vida (término de um relacionamento tóxico), comecei a rever meus conceitos como pessoa, e junto veio a curiosidade de saber como era meu cabelo natural. Sem pensar muito, um dia fui na cabelereira e pedi pra cortar. A verdade é que eu era realizada no BN, e não sabia que me sentiria ainda mais realizada e livre com meu cabelo natural. Se soubesse, teria feito antes. Eu praticamente nem senti o período de transição porque na minha cabeça nem era transição, era só um descanso para meu dinheiro. E continua sendo, pois meu cabelo é bem mais fácil de hidratar sem química. Agora no estrangeiro, se eu precisasse do BN estaria perdidaaaa kkk. E reconheço que as referências atuais de mulheres com cabelo natural facilitaram minha adaptação. Admiro que vc defende quem quer fazer química, realmente todos temos livre arbítrio. Achei interessante que vc está na transição, comecei a te seguir no instagram pois quero acompanhar este processo. Vc é muito animada, com certeza vou disfrutar dos seus conteúdos, seja com química ou não. Beijos lindaaa, obrigada por este vídeo que me fez refletir tanto. (JY há 1 ano)

Me identifico, pois já passei por isso. Eu ia no beleza natural e um dia resolvi fazer trança, fiquei 3 meses. Quando fui tirar meu cabelo caiu

MUITO (dava pra fazer uma peruca com o tanto que caiu)! Estava fraco nas pontas e forte na raiz, foi aí que decidi parar de relaxar. Fiz aquele corte quando tinha uns 4 dedos de cabelo natural, pq não estava aguentando ver aquele cabelo fraco caindo. E fui fazendo trança até ficar confortável com o meu cabelo, desconstruindo tudo o que colocam na nossa cabeça. Hoje já faço tranças só pra mudar o visual e sou mais feliz com o meu cabelo natural (DF há 1 ano)

Jurava que era natural já, eu fiz a transição e cai na besteira de "definir cachos" e acabou que no fim alisou e eu precisei passar por tudo de novo, mas eu amo o meu cabelo natural e super entendo quem ainda não consegue/quer assumir naturalmente não é fácil mas valeu muito a pena (CT há 1 ano)

Este novo local de construção de uma identidade pautada em cima de reconhecimento, aceitação e liberdade, coloca a mulher preta no centro de suas próprias escolhas. A construção de uma identidade é algo complexo, mas como vimos, no contexto social inserido nesta pesquisa, a liberdade que se tem ao transacionar, retomando a curvatura natural dos fios de cabelos, carrega este local de reconexão e pertencimento em uma sociedade, que como vimos é, híbrida, e deve ser vista e sentida assim.

Finalizada a análise, retomo os objetivos específicos, bem como os resultados obtidos com essa pesquisa. O primeiro objetivo específico propõe uma análise do vídeo da youtuber Camilla de Lucas, tal análise levou a enxergarmos muitos pontos de intersecção entre as falas da youtuber e as vivências das mulheres pretas que relataram nos comentários. Dentre elas, os sentidos de *imposição na infância e dificuldade no processo*, apareceram como sendo um desses muitos elos de ligação entre as suas histórias. O segundo objetivo, de identificação dos comentários em tom de depoimento, levou esta pesquisa para a construção de uma narrativa muito mais forte do que a explicação simples do que seriam esses depoimentos. A construção teórica de relatos, entendendo a sua origem histórica, com o que foi possível transcrever através dos comentários, é a síntese necessária de que foi possível enxergar o cruzamento entre ambos, para que fosse possível encaminhar corretamente os próximos dois objetivos específicos. Analisar os processos de identificação dos relatos e investigar os processos de construção identitária dos

mesmos, ambos objetivos estiveram ancorados na construção da narrativa teórica levantada, colocados dentro de parâmetros de sentidos acionados, foi possível trazer com maior detalhamento e assertividade os cruzamentos necessários para atingir os a resolutive de cada objetivo.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Retomando os pontos tratados nesta pesquisa, conseguimos entender o local de partida da construção da identidade da mulher preta, onde o mesmo perpassa sobre toda a carga histórica do período escravocrata, circulando sobre a fetichização dos seus corpos, anulação de suas falas e imposição de moldes sociais e de representação que não cabe à elas.

O problema desta pesquisa, que é *“De que forma os relatos, através de comentários de vídeos no youtube sobre transição capilar, pautam a construção identitária da mulher preta?”*, bem como os objetivos geral, de compreender, através da análise dos relatos com tom de depoimento/relato, nos comentários do vídeo da youtuber Camilla de Lucas sobre transição capilar, como se deu o processo de construção identitária destas seguidoras, e objetivos específicos, foram alcançados. Indo um pouco além desse alcance, foi possível construir uma perspectiva teórica pautada em torno da visão de autoras e autores pretos, o que nos auxilia a compreender essa narrativa ainda mais centrada no sujeito, neste caso, a mulher preta.

A, podemos chamar assim, virada de consciência sob suas necessidades, ancora-se dentro de uma exposição onde a fala é o principal ponto de encontro. Entendendo o contexto social vivenciado pela população preta, a mudança do paradigma da troca de informações, causada pela construção do ciberespaço, molda os novos rumos que fazemos com que tenhamos, de forma tão expressiva, este movimento que temos hoje. A ligação desta troca, que como vimos, possui tanta proximidade com a herança de uma oralidade ancestral, converge nos processos de identificação e aproximação causado pela “rede”.

Não foi possível identificar nesta pesquisa o momento exato, ou o motivo central, pelo qual a pauta dos cabelos das mulheres pretas e a transição capilar tiveram essa virada tão expressiva. Porém os reflexos que tal inflexão tomou, desde o seu início, reverberam e ainda estão em construção até o presente momento.

Entender de que forma a retomada pelo uso dos cabelos de forma natural está relacionada com a construção de uma identidade centrada em si, se tornou extremamente necessário e marcante. Necessário pois a mulher preta, em toda a sua construção social esteve sempre pautada pela visão *do outro*, não sendo dela o local de contadora da sua própria história. Marcante, pois eu como mulher preta, também passei por todas essas etapas que envolvem, como foi possível perceber, muito mais do que um querer, mas sim passam por processos redescoberta e busca por um lugar onde seja possível se encontrar.

A construção de uma identidade pautada sob todos os aspectos conhecidos acaba sendo, inevitavelmente, “contaminada” pelo contexto do qual se insere esta mulher, ainda que, esta entenda o local de importância desse movimento, não deixa de estar sujeita às consequências que essa decisão impõe a ela.

Entendo que o movimento de transição capilar é algo latente dentro da narrativa social à qual estamos inseridos hoje, porém também é possível compreender que é uma virada tão grande que ainda vai levar tempo para saber e encontrar os reais reflexos que esta virada convergiu dentro da construção de identidade das mulheres pretas. Desvincular nosso olhar sob nossos corpos desta óptica colonizadora, como vimos, é doloroso e demorado. Porém há de se entender que essa virada de consciência no momento presente, culmina em uma nova geração que poderá vir a ter a sua identidade pautada com um olhar sob outra perspectiva, e assim espero que seja.

A possibilidade de crescimento e construção de identidade livre de qualquer interferência enraizada no preconceito de gênero e no racismo, é algo que, por mais que possa parecer um mundo ideal, entendo que ainda está longe de ser uma realidade factível. Construir métodos, como o dessa rede de apoio mútuo que se construiu dentro de uma plataforma de interações e compartilhamento, é uma das formas de manter-se firme dentro de uma construção por um mundo com vivências

sociais híbridas onde essas diferentes representações são válidas e aceitas de forma igualitária.

Ao finalizar esta pesquisa, fica claro que a mesma não termina aqui e que possui diversos pontos de desdobramento. Entender os impactos sociais que essa mudança de visão sobre os próprios cabelos tem ao longo dos anos, bem como as alterações no consumo causadas pela virada de consciência com a retomada do uso dos cabelos naturais por uma parte da população, são informações de extrema relevância para poder desenhar esta construção. Ainda, para além das informações que dizem respeito a geração que “iniciou” esta mobilização, é de absoluto endosso entender de que forma a próxima geração, filhas das mulheres pretas que passaram pelo processo de transição capilar, vêem e sentem os aspectos e construções sociais acerca de seus cabelos, e se o tratamento com produtos químicos, segue sendo pautado por uma imposição de padronização dos fios, sejam eles alisados ou perfeitamente cacheados.

Sob minha própria perspectiva, entendo essa pesquisa dentro do campo da comunicação como pertencente a um local de extrema importância construtiva e reforço sobre a necessidade de mais pesquisas pontuadas sobre a ótica da mulher preta. Como foi visto, o lugar dessa mulher é basicamente um *sub-lugar* na sociedade, dar voz a elas é extremamente necessário e urgente. Construir um espaço mais diverso, deve estar ancorado também nas pesquisas e referenciais teóricos dos quais às mesmas se aplicam, se não a perspectiva fica somente no objeto e não transcende dando voz a outras e outros autores. Além disso, pensar a comunicação que se faz hoje, e de que forma a mesma impacta em toda dificuldade de aceitação, vista nos relatos através dos comentários, é um caminho latente a seguir. A comunicação é sobre o que e como queremos comunicar algo a alguém, os nossos cabelos, estiveram sempre pautados, sobre a perspectiva distorcida, de outra pessoa, a comunicação sobre o mesmo reforçou por muito tempo essa distorção, então, o que podemos fazer para mudar essa perspectiva de aceitação?

Enxergo todos os desdobramentos dessa pesquisa de forma muito otimista, entendo que a construção dessas novas narrativas, feitas por e para mulheres pretas, só reforça os caminhos de luta que tantas outras tiveram para que

chegássemos ao ponto que temos hoje. Nenhuma mudança acontece sem alguma quebra, de paradigmas ou de sentimentos. O que nos acende uma luz é que essas mudanças, quando são pautadas em relação a mulheres pretas, são sempre mais dolorosas e desgastantes, carregar um corpo que, por si só, já é um símbolo de resistência, deveria colocar essa mulher em uma perspectiva de cuidado, mas nem sempre é assim. Por isso, acredito muito que esses espaços de conexão, como o Youtube, são impulsionadores de alcance dessas vozes, seja no processo de identificação ou de troca, esses locais ajudam a retomar esse local de pertencimento. Pertencer a um grupo social, formado por mulheres pretas que dividem as mesmas dores, que prospectam sonhos em comum e que buscam colocar um olhar mais afetuoso sobre as próximas gerações de mulheres pretas, bem como que não carreguem em si as dores de (sobre)viver em uma sociedade tão preconceituosa e desigual, é a construção da minha própria utopia, que eu espero verdadeiramente, saia do campo da imaginação e se torne algo concreto e factível.

Concluo esta pesquisa entendendo a narrativa potente que tem a voz das mulheres pretas, e ainda mais potente quando essas constroem juntas. Entendendo que essas narrativas podem e devem ser vistas como local de pertencimento e recontação de suas histórias, transcendendo, indo além, atingindo e remodelando o status quo, para que seja possível um local igualitário de vivência.

7. REFERÊNCIAS

BÂ, Amadou Hampâté. **Amkoullel: o Menino Fula**. São Paulo, Palas Athena/Casa das Áfricas, 2003.

BERTH, Joice. **Empoderamento**. 1 ed., São Paulo, Jandaíra, 2020.

BORGES, Roberto Carlos da Silva; BORGES, Rosane. **Mídia e Racismo**. Petrópolis/RJ, De Petrus, 2012.

BUENO, Winnie. **Imagens de controle: um conceito ao pensamento de Patricia Hill Collins**. Porto Alegre, Zouk, 2020.

DAVIS, Angela. **Mulheres, Raça e Classe**. São Paulo, Boitempo, 2016.

Dossiê mulheres negras : retrato das condições de vida das mulheres negras no Brasil / organizadoras: Mariana Mazzini Marcondes Mariana Mazzini Marcondes; Luana Pinheiro; Cristina Queiroz; Ana Carolina Querino; Danielle Valverde. - Brasília : IPEA, 2013.

Estudando cultura e comunicação com mídias sociais / organizado por Tarcízio Silva, Jaqueline Buckstegge, Pedro Rogedo. - Brasília: IBPAD, 2018

GOMES, Larisse Louise Pontes “**Posso tocar no seu cabelo?**” **Entre o “liso” e o “crespo” : Transição capilar, uma (re) construção identitária**. Universidade Federal de Santa Catarina, 2017.

HALL, Stuart. **A Identidade Cultural na Pós Modernidade**. Rio de Janeiro, Lamparina, 2020.

HALL, Stuart. **Cultura e representação**. Rio de Janeiro: Ed. PUC-Rio: Apicuri, 2016.

HALL, Stuart. **Que negro é esse na cultura negra?** In: HALL, Stuart. **Da Diáspora: Identidades e Mediações Culturais**. Belo Horizonte, UFMG, 2008.

HOOKS, Bell. **Alisando nossos cabelos**. Revista Gazeta de Cuba – Unión de escritores y Artista de Cuba, janeiro-fevereiro de 2005. Tradução do espanhol: Lia Maria dos Santos. Retirado do blog:
www.geledes.org.br/alisando-o-nosso-cabelo-por-bell-hooks/

KILOMBA, Grada. **Memórias da Plantação: Episódios de Racismo Cotidiano**. Rio de Janeiro, Cobogó, 2019.

LIMA, Heloisa Pires; HERNANDEZ, Leila Leite. **Toques do Griô: memórias sobre contadores de histórias africanas**. São Paulo, Melhoramentos, 2014.

LOPES, Nei. **Enciclopédia brasileira da diáspora africana**. São Paulo: Selo Negro Edições, 2011.

MATTOS, Ivanilde Guedes de. Estética Afro-diaspórica e o Empoderamento Crespo. **Revista do Programa de Pós-Graduação em Crítica Cultural - Ponto de Interrogação**, v. 5, n. 2, Jul./Dez. 2015.

NASCIMENTO, Beatriz. **Uma história feita por mãos negras: Relações raciais, quilombos e movimentos**. Rio de Janeiro, Zahar, 2021.

SANTANA, Bianca. **Quando me descobri negra**. São Paulo, SESI-SP editora, 2017.

SANTOS, Nádia Regina Braga dos. **DO BLACK POWER AO CABELO CRESPO: A construção da identidade negra através do cabelo**. 2015. Universidade de São Paulo, 2015.

TAVARES, Marina Marques. **“A história do meu cabelo”**: uma investigação sobre a manipulação da identidade racial em narrativas na internet sobre “cabelo natural”. Belo Horizonte, 2018.

APÊNDICES

Apêndice 1 - Comentários extraídos do vídeo

Iniciais do Nome	Período	Comentário	Sentidos Acionados	Explicação de Termos
TC	5 meses	Desde sempre usei guanidina pq meu cabelo e MT cheio, acho que comecei usar acho com uns 6 anos) aí em 31 de abril desse ano decidi entrar na transição q nem a Camilla, minha raiz está curta ainda mas eu estou amando. E eu não vou desistir, e nem vou me diminuir por causa das pessoas, e todo mundo fica chocado pq eu só tenho 12 anos, mas estou muito feliz,e quero voltar com o meu cabelo Edit- a raiz tá mtt grande aaa	Imposição na infância, Identificação e Empoderamento	Guanidina - tipo específico de química para os cabelos, utilizada com o propósito de dar mais definição aos fios.
IL	11 meses	Acho perfeito você colocar isso. Muitas pessoas "tentam" incentivar, mas só acabam por cagar ainda mais regras sobre nossos corpos - especificamente corpos negros. Se gosta de lace, mana, USE MESMO! Seja você das diversas maneiras possíveis, nós temos esse poder!	Apoio	
ML	11 meses	Um dos melhores dias da minha vida foi quando eu FINALMENTE cortei meu cabelo depois de 11 meses em transição. Antes disso, tentei 3 vezes deixar sem química, mas não tinha propósito, eu só não queria ficar passando alisante a cada 15 dias pra "manter ele no lugar". Até que um dia eu pensei "quero conhecer meu cabelo" eu alisava desde os 4/5 anos, não sabia como era. Com 6 meses de transição eu comecei a passar o sufoco pq o cabelo crespo com duas textura não tem o como deixar legal. Era trança e coque o tempo todo. Gente, um dia antes de cortar eu nem consegui dormir porque esperei demais por isso. A família inteira contra, foi o período que MAIS sofri racismo sem duvidas. Bem, já se passou 5 meses e eu me pergunto sempre "como eu vivi tanto tempo sem esse cabelo?" minha autoestima aumentou tanto, eu me sinto tomando	Imposição na infância, Dificuldade no processo, Episódios de racismo, Empoderamento , Aceitação	

		<p>posse da minha verdadeira identidade, sabe? Continuo ouvindo uma vez ou outra comentários escrotos. Mas no lado dos amigos e desconhecidos foi total apoio. A parte pior foi da família, o que acabou pesando demais. A transição da vontade de chorar até pra se arrumar porque você sabe que não tem o que fazer com o cabelo, autoestima fica baixa, as críticas e racismo é pesado (tô falando de crespa). Transição de cabelo crespo é outro nível, emocional abala de verdade racismo faz parecer que você está matando alguém por deixar seu cabelo natural... mas enfim, só sei que foi a melhor decisão da minha vida. Durante a transição e quando eu relaxava era bem quebradiço e dava trabalho manter. Hj em dia é beeeeem melhor e to sempre me sentindo arrumada! Viva nossa coroa natural</p>		
BC	11 meses	<p>Fiz minha transição em 2015, passei o ano todo na chapinha pra eu mesma não ver a diferença do frio. No fim desse ano fiz o bc e me odiei muito, lutei muito contra os comentários grosseiros e mim mesma pra deixar o cabelo crescer. Recentemente estou na transição de novo pois passei descolorante e destruí meu comprimento do fio. Agora foco no cronograma e escolhi só tingir o cabelo, chega fe alisantes. E foco em SI AMAR, FDS o comentarios dos outros nega</p>	<p>Dificuldade no processo, Mais de uma tentativa de Transição</p>	<p>Cronograma (capilar) - é como se denomina um passo a passo de um processo que em geral se faz para recuperar cabelos fracos.</p>
TS	11 meses	<p>Meu cabelo é exatamente igual ao seu, fiquei 1 ano relutando pra não fazer o BC fiz tem menos de um mês, confesso que foi a melhor escolha. Apesar de não cair embolava de mais, também ia no beleza natural desde os meus 10 anos de idade ano passado com 20 anos decidi por um ponto final...A aceitação é um processo longo, mas que no final vale a pena. Estou gostando mais do meu cabelo agora, quando relaxava ficava opaco, sem muita definição.</p>	<p>Imposição na infância, Aceitação</p>	
EP	11 meses	<p>Passei pelo bc 2x corte de Joãozinho, da primeira era para usar relaxado usava química para "soltar os cachos". Dezembro do ano passado me revoltei, a química estava acabando com meu cabelo então passei a tesoura. Hoje estou maravilhada pq não conhecia meu cabelo e ele é lindo. Tenho ido a salão específico para cabelo natural, onde meu crespo é tratado com muito carinho e não me sinto de maneira</p>	<p>Aceitação e Apoio</p>	

		nenhuma coagida a relaxar. Se vocês sonham em assumir o cabelo. Sei que não é fácil. Mas é possível, não desistam		
AK	11 meses	Tenho 16 anos cabelo 3c/4a em 1 ano em transição, aliso desde 4 anos de idade e estou passando pela 2 vez por questões de aceitação, na primeira vez desisti por varios comentários maldozos, dessa vez meus ouvidos estão tampados pra qualquer comentário desnecessário sobre o meu maravilhoso cabelo, pretendo fazer o BC ano que vêm	Imposição na infância e Dificuldade no processo	
LC	10 meses	eu sempre tive vergonha de falar pras minhas amigas que eu fazia relaxamento ou que estava na transição, o primeiro video que eu vi do canal da Camila foi sobre o relaxamento e eu me senti mais confiante vendo que eu nao era unica e que tinha outras mulheres que faziam relaxamento e nao tinham vergonha, de verdade hoje eu nem ligo de as pessoas verem minha raiz alta ou qualquer outra coisa, afinal quem gasta com creme sou eu mesmo	Identificação e Aceitação	
AC	10 meses	Resumindo, tenha o cabelo que vc se sente mais confortável e bonita. Eu nunca gostei de alisar, sempre me sentir refém do alisamento. Mas não conseguia deixar de alisar por causa dessa pressão do cabelo liso que era bonita. O meu um ano de transição, foi o ano mais difícil da minha vida. A transição afetou mt minha autoestima. Vc precisa de MT coragem e determinação. Mas dps do BC eu amei meu cabelo. Me sinto muito mais bonita. Claro que pra mim foi mais fácil pq eu tenho cachos extremamente perfeitos, as pessoas até me perguntam se eu que faço os cachos um por um de tão perfeitos que são kkkk	Dificuldade no processo e Aceitação	BC - Big Choop, é o "grande corte" que se faz quando já se tem uma raiz maior de crescimento natural e se corta as pontas que ainda tem química.
VD	10 meses	Fiquei 7 meses na transição, eu relaxo meu cabelo no BN, infelizmente não deu certo pq meu cabelo não tem a mínima definição, voltei pro relaxamento e tô sofrendo MT com o cabelo todo quebrado, queria me livrar do relaxamento mas não consigo...	Dificuldade no processo	

TB	10 meses	<p>Passei por isso, fiz relaxamento no beleza natural por 10 anos, resolvi passar pela transição pq com o passar dos anos minha estrutura capilar mudou completamente, eu consegui vencer a transição fiz o bc após 8 meses, hoje estou a 2 anos natural amei cada descoberta, segue firme vc vai conseguir, é difícil mas vencemos. Força, foco e fé.</p>	Dificuldade no processo e Aceitação	
LR	10 meses	<p>Camilla, esse vídeo foi literalmente pra mim! Eu com 6 anos estraguei meu cabelo cacheadinho com Guanidina. Ele nunca mais foi o mesmo a raiz cacheada mas as pontas eram indefinidas. Em 2017, entrei pela 1a vez em transição e foi difícil d+. Eu usei absolutamente tudo que tinha em mãos. Ele foi cacheando novamente mas caindo muuuito. Desisti da transição. Ele caía horrores. Semana passada surtei e cortei as pontas 'alisadas'. Obviamente o corte não ficou perfeito. Eu me sinto mais livre, linda e feliz. Estou hidratando e finalizando muito e esperando crescer um pouco mais para fzr Beleza Natural. Porém, ainda tenho vergonha de sair pois atrás ficou mais curto que na frente. Mas se Deus quiser, ele vai ficar lindo. 8 meses de transição e muito feliz.</p> <p>PS.: antes ele estava no estado do da Camilla.. caía muito e indefinido. Já estava com a alto estima 0. Se cuidem gente. Um dia vou perder minha vergonha de sair na rua</p>	Identificação, Dificuldade no processo	
MS	1 ano	<p>Camila tenho 61 anos, desde pequena minha mãe ali dava meu cabelo porque ela dizia que não tinha tempo de pentear, cresci alisando....depois de adulta passei muitos anos sem alisar, depois ali sei e fui assim.....hj tem 8 anos q não relacho meu cabelo.....assistindo vcs blogueiras descobri um 4a /b lindíssimo, com produtos para cabelos crespos que tem hoje, me sinto livre e muito feliz.....cada um deve fazer o que quiser, bjss</p>	Imposição na infância, Identificação e Aceitação	-

JY	1 ano	<p>Eita, lá vem textão, seu vídeo me fez refletir (Tudo bem se não quiser/puder ler, escrever isso vai me fazer bem). Nossa história de cabelo é parecida. Também comecei fazendo permanente e depois me encontrei no relaxamento do Beleza Natural (Uhul Nova Iguaçu). Lembro que quando criança, o permanente deixava um buraco de cabelo quebrado no topo da cabeça, era bem triste e frustrante. Na adolescência descobri o BN e nele meu cabelo crescia bem mais saudável, sem quebrar, com um aspecto bonito, e me vi feliz e livre daqueles bobs que precisava usar no permanente. Fiquei uns 6 anos fazendo relaxamento no BN e não tenho nada relevantemente ruim para falar deles. Há uns 2 anos e meio, comecei a pensar no dinheiro que estava gastando com cabelo, quase 100 reais em relaxamento a cada 3 meses, sem contar os produtos para mantê-lo. Daí preferi economizar esse dinheiro ou usar com outras coisas. Fiquei 8 meses sem relaxar o cabelo. Depois de uma frustração na vida (término de um relacionamento tóxico), comecei a rever meus conceitos como pessoa, e junto veio a curiosidade de saber como era meu cabelo natural. Sem pensar muito, um dia fui na cabelereira e pedi pra cortar. A verdade é que eu era realizada no BN, e não sabia que me sentiria ainda mais realizada e livre com meu cabelo natural. Se soubesse, teria feito antes. Eu praticamente nem senti o período de transição porque na minha cabeça nem era transição, era só um descanso para meu dinheiro. E continua sendo, pois meu cabelo é bem mais fácil de hidratar sem química. Agora no estrangeiro, se eu precisasse do BN estaria perdidaaaa kkk. E reconheço que as referências atuais de mulheres com cabelo natural facilitaram minha adaptação. Admiro que vc defende quem quer fazer química, realmente todos temos livre arbítrio. Achei interessante que vc está na transição, comecei a te seguir no instagram pois quero acompanhar este processo. Vc é muito animada, com certeza vou disfrutar dos seus conteúdos, seja com química ou não. Beijos lindaaa, obrigada por este vídeo que me fez refletir tanto.</p>	<p>Imposição na infância, Identificação e Aceitação</p>	<p>Beleza Natural (BN) - é um salão de beleza que possui uma rede de salões, que estão principalmente no estado do Rio de Janeiro</p>
----	-------	--	---	---

JS	1 ano	Transição capilar para quem tem cabelo cacheado vulgo cachos perfeitos é mais fácil né, agora para cabelos crespos 3c/4a, 4a, 4b e 4c é o outro rolê, quanto mais crespo mais difícil o processo. Não se sinta pressionada pretinha ♡ Estamos juntas	Identificação e Apoio	-
VS	1 ano	Sáimos da ditadura do cabelo Liso e entramos em outra de que TODO MUNDO TEM DE FAZER TRANSIÇÃO AGORA. Transição é um processo complicado, a pessoa faz quando ela SENTIR que é o momento certo! E se não quiser fazer, tá tudo bem. O importante é você se sentir bem! Com cabelo natural ou não Boa sorte Camilla	Apoio	-
CB	1 ano	Eu já passei por duas transições e sei como é difícil ver o cabelo saindo aos montes na mão. Da um desespero. Mas vou te dar uma dica que foi para mim uma salvação. BABOSA. simm. Essa planta deveria chamar milagrex. Porque faz milagre. Meu cabelo caia aos montes. Tenho várias plantas babosas em casa e para parar de cair passei na raiz e cabelo todo pus touca e fui dormir. (passa o gel de dentro da babosa). No outro dia lava. Sério. Vai parando de cair imediatamente! Faz que você vai ver q seu desespero vai passar.	Mais de uma tentativa de transição, Dificuldade no processo, Troca de conhecimento	
DF	1 ano	Me identifico, pois já passei por isso. Eu ia no beleza natural e um dia resolvi fazer trança, fiquei 3 meses. Quando fui tirar meu cabelo caiu MUITO (dava pra fazer uma peruca com o tanto que caiu)! Estava fraco nas pontas e forte na raiz, foi aí que decidi parar de relaxar. Fiz aquele corte quando tinha uns 4 dedos de cabelo natural, pq não estava aguentando ver aquele cabelo fraco caindo. E fui fazendo trança até ficar confortável com o meu cabelo, desconstruindo tudo o que colocam na nossa cabeça. Hoje já faço tranças só pra mudar o visual e sou mais feliz com o meu cabelo natural	Identificação, Dificuldade no processo e Aceitação	

ND	1 ano	Fiz meu BC em 2009. Não existiam ninguém na internet pra me motivar, e na moral, ouvi tantos comentários chatos... Taquei um fodasse, passei pela transição sem nem saber o que era, fiz me bc super feliz. Detalhe: passei a transição de cabelo solto mesmo, eu tava me amando, super bem resolvida aos 15 anos. Meninas, sempre vão existir pessoas para nos criticar. Respira, manda de lascar e segue o baile.	Empoderamento e aceitação	
PQ	1 ano	Mana, até o começo do ano eu tb ia no beleza natural (uma vez ao ano) e só passava raiva! Elas não passam o produto só na raiz, mas puxam pro comprimento. Meu cabelo estava sempre ressecado! Que ódio! Estou tentando refazer a minha transição (que foi de alisado para relaxado, e agora de relaxado pra natural) graças à Pandemia e até que estou gostando do meu cabelo. E não desanime com as quedas, pois nós crespas não lavamos cabelo todo dia, então provavelmente boa parte desses fios são os que caíram naturalmente nos dias que vc não lavou o cabelo e fica preso nos cachos. Beijo mana, e ótima transição.	Aceitação, Apoio e Troca de conhecimento	
CT	1 ano	Jurava que era natural já, eu fiz a transição e cai na besteira de "definir cachos" e acabou que no fim alisou e eu precisei passar por tudo de novo, mas eu amo o meu cabelo natural e super entendo quem ainda não consegue/quer assumir naturalmente não é fácil mas valeu muito a pena	Aceitação	
ER	1 ano	Eu passei pela transição em 2014 tbm, fiz um corte bem baixinho lá no beleza natural e eles fizeram o super relaxante. Tom só fui uma vez, na vdd eu coloquei na cabeça que o meu cabelo ficaria cacheado, pq a sociedade nos tira de uma ditadura para colocar em outra; então fui deixando ele crescer naturalmente e usando muitos produtos para "definição", depois de 2 anos com o cabelo já todo natural ele começou a se apresentar de fato como ele é, com sua verdadeira textura que é o crespo, então eu já não estava mais me sentindo tão bem, pq este processo de transição e aceitação é bem difícil principalmente quando a gente já cresce nessa cultura racista que demoniza nossos traços. Em 2016 eu relaxei e acabei	Mais de uma tentativa de transição, Dificuldade no processo, Identificação e Apoio	

		<p>com todo o processo, o relaxamento acabou com meu cabelo, fiquei triste com isso, voltei a cortar, pois já havia passado pelo processo de cabelo curtinho e decidi que enfrentaria minhas frustrações e vergonhas, achei apoio de mulheres negras e fiquei muito mais forte em relação a isso. Cortei o cabelo em 2016 pela segunda vez, botei na cabeça e aceitei que meu cabelo é CRESPO e não cacheado, parei de ficar querendo o que não era minha realidade, e estou até hj muito bem com meu cabelo assim. Tenho o cabelo crespo tipo 4a e 4b, e entendo a dificuldade das meninas que estão tentando assumir seu natural.</p>		
AM	1 ano	<p>Quando você não lembra como seu cabelo era antes da química, se desce criança, vc usa química. É que o processo foi imposto. E você precisa de uma processo de desconstrução de sua imagem. E passar por um processo de enxergar a beleza do seu cabelo natural. A sua geração e as gerações anteriores foram quase que obrigadas a alisarem os cabelos. A nova geração é que, talvez, pela primeira vez, possa bater na tecla de que optou pela química, mas acho que esse não é o seu caso, nem o meu..</p>	Reflexão sobre os processos serem impostos e não um querer natural	
ML	1 ano	<p>Eu relavava o cabelo desde os 11 anos, mais ou menos 2005. Eu passei pela transição mais ou menos nessa época de 2013 e 2014. Era bem difícil kkkkkkk As pessoas perguntavam pq, comentavam que estava na moda, e quando ia pras férias na minha cidade no interior era pior. Eu não tive muita paciência e fiz o BC (que eu nem sabia o que era, descobri anos depois que tudo o que eu fazia desde pequena no cabelo tinha um nome diferente agora). Minha mãe me ajudou muito me encorajando e fazendo as receita caseiras de quando eu era pequena, como pentear, que escova usar e muito creme pesado kkkkkkkkk. Meus pais passaram a juventude nos anos 80 então da pra imaginar o amor pelo volume e modelamento. Eu não tinha ideia de como era meu cabelo, eu realmente não me lembrava. É muito louco você não conhecer algo que vc ver todo dia.</p>	Imposição na infância, Aceitação	

DP	1 ano	Eu fiz um besteira kkk, estava com meu cabelo natural, mais ao ver que você relaxava quis testar também. Isso faz uns 2 meses, meu cabelo ficou feio, aí entrei na transição já tem um mês. Agora me deparo com você também entrando na transição . Amiga vamos amar nosso cabelo como ele é, e não vamos deixar comentários desnecessários nos impedir de amar oque temos de melhor . Você é linda tá. Beijis	Identificação e Apoio	
VF	1 ano	Seu cabelo é um 4B e vai ficar lindo a química deixa nosso cabelo frágil quebra muito, não consegui passar pela transição raspei a cabeça, seu cabelo é lindo coloque box braids ajuda muito Camilla , vou falar no meu canal a minha experiência com a transição sofri muito.	Dificuldade no processo.	
LQ	1 ano	Eu resolvi passar pela transição e deixar meu cabelo natural por que realmente cansei de não tomar banho de mar e piscina de corpo e alma, cansei de correr de chuva e de ter que chegar da academia correndo e ter que retocar a chapinha. Fora que meu cabelo estava detonado de tanta química e acabou ficando extremamente vazio e isso me incomodava demais. Hoje com 2 anos de cabelo natural me sinto melhor pois posso molhar a qualquer hora sem me preocupar e não tenho mais uma "penugem" na cabeça ao invés de cabelo.	Aceitação	
VS	1 ano	Camilla eu estou a quase 3 anos em transição e sabe foi a melhor escolha que fiz na minha vida. Descobri como é linda a textura do meu cabelo sem contar que no começo da transição descobri o mundo das tranças e entrelaces até aprendi a fazer no meu cabelo e ensinei meu esposo para fazer em mim... força que você consegue hoje temos muitas ferramentas para passar pela transição lindas e belas	Aceitação e Apoio	

PN	1 ano	<p>Eu estava desde fevereiro sem ir no Beleza natural tinha decidido fazer a transição mas como vc falou é difícil o cabelo fica c 2 texturas a raiz natural e o comprimento com Química como nesse período da quarentena eu trabalhei manter o cabelo arrumado ficou bem difícil ao ponto de não aguentar mais e ontem voltei ao beleza e fiz o relaxamento fiquei triste pq a raiz estava com cachos naturais mais a parte de cima da cabeça não tem a mesma definição infelizmente ele não cacheia e sim fica com um frizado muito feio e rebelde então relaxei e senti ti um alívio parece q sai um peso da cabeça mais ainda tenho sim muita vontade de manter o natural dele mas como vc falou c a ajuda de uma lace ou tranças fica mais fácil so q não gosto d trança e não tenho lace.</p>	<p>Dificuldade no processo, Desistência da transição</p>	
CS	1 ano	<p>Podia aproveitar a pandemia e cortar esse relaxado de uma vez llo crespo agradece fica lindo, mais prático d cuidar sem a parte relaxada, da pra lavar todo dia o q faz crescer mais rápido, bc é mto AMOR parabéns pra quem tem saco de fazer transição pq cortar é bem melhor</p> <p>O pior não é usar química é reproduzir falácias racistas de q cabelo natural é trabalhoso, difícil de cuidar como vc disse num d seus vídeos... e tb não admitir que é mais uma influência da construção d um certo padrão de beleza do q gosto pessoal</p> <p>Deu mta importância pra opinião alheia</p>	<p>Troca de conhecimento, Apontamento sobre as falas da Camilla</p>	
MP	1 ano	<p>Relaxo meu cabelo no Beleza faz anos. Foi o único salão em que meu cabelo não caiu tudo de vez... Mas percebo como perdi cabelo ao longo do tempo, porque eu nunca consegui criar uma rotina de hidratação. Relaxo meu cabelo desde os 6-7 também e não faço ideia de qual seja a textura do meu cabelo. Primeira vez que tento a transição, e suspeito que meu cabelo seja 4C. Tem sido difícil ver duas texturas e pensar que iniciei o processo porque era impossível continuar relaxando, mas seguirei acompanhando sua experiência. Gratidão meu bemm</p> <p>Meninaaa ver esse vídeo extremamente necessário me ajudou a ter força, viu</p>	<p>Imposição na infância, Identificação e Dificuldade no processo</p>	

CS	1 ano	<p>Não deixo de usar Química por medo de comentários, mas sim por medo da reação do meu cabelo, por medo de voltar ao ciclo que eu vivia, de me odiar, etc. Muiiita gente comenta do meu cabelo, e realmente ele não é fácil kkkk tentam me rebaixar, perguntam sobre meu cabelo, fazem comentários do tipo "Vai com seu cabelo assim?", "Eu prefiro assim". Tenho medo de voltar a ter problemas que eu tinha antes de me aceitar e medo dele ficar "ruim" de novo</p>	<p>Falta de aceitação, Medo do processo</p>	
VM	1 ano	<p>Força para deixar esse cabelo crescer, vc vai se libertar (passei pela transição, foi a melhor coisa da vida!!!). Eu decidi passar pela transição, pois não aguentava mais o meu cabelo ficar quebrado, fora que eu sempre precisava retocar a raiz né, fora que o meu cabelo sempre estava quebrado, fraco. Chegou um ponto em que eu não aguentava mais essa situação!!! De modo que não liguei pra aparência e deixei crescer... No início achei que ficou feio, só que depois foi ficando bonitinho, fui sendo mais gentil comigo, fui aprendendo a cuidar dele... Camila é difícil. Eu acabei de ler um comentário de um de uma pessoa aleatória aqui nesse teu vídeo e ela disse que ela não se importa com maquiagem ou com teu cabelo, que o teu carisma cativou ela, por isso, essa se inscreveu no teu canal, sabe eu acho que é isso! O ponto é esse! Faz o que te faz feliz, está tudo bem, você é incrível!!! Está tudo bem, ta fica bem beijo</p>	<p>Apoio, Identificação, Dificuldade no processo.</p>	
J	1 ano	<p>Eu resolvi deixar meu cabelo natural, depois de permanente desde os 12 anos (quando tive meu 1º corte químico e precisei passar máquina 2), dali fui pro Beleza também e nesse tempo aproveitei muito mas por motivos de não me sentir eu mesma, entrei em transição em 2017. Mas porque eu quis ver como era meu cabelo, ele está assim (olhem a foto do perfil), um lindo crespinho 4a. E se fosse um 4c eu teria o mesmo orelhão. Ps: ter cabelo quimicamente tratado não é crime, não julguem e é bem mais prático e pode se ter um cabelo bonito durante esse processo mas... Com o tempo o cabelo fica ralo nas pontas, a química é forte. Resumindo: seja feliz com o cabelo que você quiser. É isso que sempre falo pra alguma amiga ou quem critica.</p>	<p>Imposição na infância, Apoio, Aceitação</p>	

GA	1 ano	<p>Oi linda! Seu cabelo está caindo provavelmente pelo excesso de química. Quanto mais vc lavar o cabelo e hidratar / nutrir / reconstruir (2 x por semana) ele vai cair menos, pelo menos comigo funciona. Umectação é muito bom (raiz óleo de rícino e nas pontas óleo de coco e azeite extravirgem) Passei pela transição, fui cortando o cabelo aos poucos (todo mês cortava 2 a 3 dedos) Meu cabelo estava ralo, sem brilho, quebrando muito, pontas horríveis ... Hoje cabelo totalmente natural, costume cuidar mais e escovo sempre que eu quero e gosto muito. Acho que ninguém deve se sentir pressionado a fazer transição capilar. Hoje muita gente questiona pq eu escovo o cabelo, já que ele estava todo natural. Segue seu coração e o que vc se sente bem</p>	Troca de conhecimento, Dificuldade no processo, Aceitação	
GV	1 ano	<p>Esse vídeo era tudo o que eu estava procurando! Por conta da pandemia, estou sem química desde março e penso justamente em fazer a transição (1a vez)! Meu cabelo também quebra durante o banho, sem química ele é um 4C, com química vira um 4A ou um 3C. Já usei tranças durante 5 anos, achava lindo, não usei com o objetivo de fazer a transição (nem existia esse termo na época). Mas logo quando eu tirei as tranças, fiz relaxamento e não parei mais...penso em redescobrir meu cabelo 40 de novo, quem sabe a gente se entende! Obrigada</p>	Identificação, Iniciou o processo de transição mas não concluiu	
LG	1 ano	<p>Já passei pela transição inúmeras vezes, na infância e adolescência por conta de troca de química. No final de 2014 cortei meu cabelo bem curtinho por conta de corte químico e foi muito difícil, sabe, as pessoas falam cada coisa que acabaram me desanimando, acabei fazendo relaxamento, coloquei mega e por fim passei progressiva de novo. Hoje estou com 10 meses se transição, tentando driblar comentários que não me agregam e lidar com meu nessa fase, meu cabelo é um 4a e tá embolando tanto e caindo igual ao seu estou a ponto de surtar, mas to seguindo firme. Faz mais vídeos falando da sua transição</p>	Mais de uma tentativa de transição, Dificuldade no processo	

TG	1 ano	<p>Alisar o cabelo é uma cultura de "branqueamento", porém, ninguém é obrigado a nada. O ideal é conversar sobre, debater o assunto, informar e desconstruir esses pensamentos e incentivar quem quer passar pela transição. E quem decidir manter o alisamento, no mundo ideal, estará fazendo por vontade própria e não pela influência preconceituosa.</p>	Apoio e Reflexão sobre	
TV	1 ano	<p>OIII PESSOINHASSS, se vc está passando pela transição, não desista! Vou contar um pouco da minha história, assim como a Camilla, dès de pequena fazia química no meu cabelo e não aceitava muito bem, na escola meu cabelo era zuado e entre outras pessoas então... Se meu cabelo não estivesse bom, eu nem saía de casa, de tão apegada a ele e queria sempre andar na tendência. Eu fiquei 16 anos usando química e a química, era algo que me confortava, pois como ficava de "acordo com os padrões da sociedade". Eu tentei entrar na transição, mas desisti e fiquei 1 ano se ia ou não ia kkkkkk ai gente, no começo é assim... ENTÃO0000 EU ENTREI KKKK e não foi fácil, eu vendo aquelas 2 texturas no cabelo, MISERICORDIAAAAHH, Estilo azeite e água, que não se misturam SENHORRRR, fiquei usando um bom tempinho coque, e foi indo, comprei cremes e procurei fazer hidratações e fui pesquisando e ficava ansiosa, pois não sabia a curvatura do meu hair(confesso que queria aqueles cabelões bem enroladinhos 3C/4a) mas o tempo foi passando, e terminei minha transição com box braids e foi maravilhoso, tirei as tranças e vi que aquelas duas texturas, então fui no espelho e cortei sozinhaaaaa meu cabelo e não chorei nem nada, pelo contrario, me senti livre e chorei de alegriaaaaa e o corte ficou lindo viu, de verdade, valeu a pena 9 meses de transição!!! Se cortarem o cabelo, recomendo ir no salon, caso não maneje muito bem da tesoura hahaha. Meu cabelo, é 4C/4B e eu amo meu black <3. Então mana, não desistaaaa, vai doer, mas se não dói não é sacrificio!!! Depois vc vai ficar feliz pelo processo que vc passou e enfrentou!!!! A mais vão falar do meu cabelo??? QUERIDAHHH VÃO SIMMM, MAS LEMBRE-SE QUEM DECIDE ALIMENTAR COMENTARIOS NEGATIVOS OU POSITIVOS É SUA ESCOLHAA, então</p>	Apoio, Imposição na infância, Dificuldade no processo, Aceitação	

		luteeee!!! OBS: SE VC USA QUÍMICA, não tenho nada contra kkkk, cada pessoa faz o que quiser com seu hair, o importante é ser feliz <3 bjsss meus amores		
JA	1 ano	Já passei pela transição capilar justamente por essa pressão, mas não me senti bem com meu cabelo natural, e isso me afetou, muito, até que voltei a alisar meu cabelo, e me sentir eu mesma de novo, eu acredito que isso seja válido, o jeito certo de usar o cabelo e do jeito que te faça se sentir bem, não acho que exista essa história de escrava da química, pq quando era cacheado tinha uma função pra definir todos os dias, me dava muito mais trabalho. Mas minha opinião é esse, tenha o cabelo que te faça se sentir maravilhosa, que te faça feliz! Muda quando sentir vontade, até pq somos mulheres, temos fases mudamos nosso estilo, e o cabelo faz parte da nosso estilo.	Apoio, Não completou a transição	
VC	1 ano	Cara eu acho q toda negra deve assumir o cabelo real dela... não combina cabelo liso com vcs... todo sabe qn é o natural	Crítica	
MA	1 ano	Mas temos que perceber. A pressão que muitos negros dão para usar o cabelo natural, não chega nem aos pés a pressão de ter o cabelo bom".. Uma coisa é uma galera encher seu saco outra você perder emprego, família e até relacionamento. O negócio para transição é CORAGEM, tem que ter CORAGEM.	Reflexão sobre os processos serem impostos e as implicações sobre quem opta pelos cabelos naturais	
JB	1 ano	Parabéns por essa decisão, e mais ainda por estar confortável com ela. Quanto a quebra do cabelo, quando eu ainda relaxava, tbm aconteceu comigo, por usar produtos mt fortes. Tenta fazer reconstrução e umectação com óleo de rícino, ajuda a dar uma força a mais pro cabelo. Boa sorte, eu espero que você consiga ir até o fim dessa vez, o seu cabelo já tá muito lindo natural. Força!	Apoio, Identificação e Troca de conhecimento	

JR	1 ano	Esse vídeo é extremamente necessário para todas as mulheres que pensam em entrar em transição. Você não precisa entrar em transição para agradar ninguém, pra se assumir negra ou assumir sua identidade natural. Você precisa se olhar no espelho se sentir bonita pra si sem querer agradar ninguém, independente do cabelo estar sem química ou alisado. Quando eu entrei na transição disse pra mim mesma que se eu não gostasse era só alisar porque eu sentia a necessidade de me sentir bem com meu cabelo e com o que eu via em frente ao espelho. Se você quer fazer transição por moda ou porque alguém falou que você precisa assumir o seu cabelo pense muito bem antes.	Identificação e Apoio	
AP	1 ano	A primeira vez que relaxaram o meu cabelo eu tinha 4 ou 5 anos, hoje eu tenho 21 anos e não sei como meu cabelo é porque eu fiquei muito dependente da química capilar. Em fevereiro eu tive um corte químico pesado (já tinha acontecido há uns 6 anos de forma pior mas não afetou minha autoestima como dessa vez) dai eu resolvi não alisar mais (primeira vez que resolvi fazer transição), porém como eu havia dito eu sou refém da química há 12/13 anos e é muito difícil principalmente porque meu cabelo natural tem curvatura 4 se eu não me engano, então tomei vitamina pra acelerar ainda mais o crescimento (ele já cresce rápido), então com 3 meses meu cabelo já tinha crescido bastante, mas não me acostumei até porque tinha a parte lisa e um tamanho bom que tava crespo, então cortei e deixei 3 dedos de comprimento ainda alisado e relaxei com um produto bem mais fraco... to na fase da negação ainda e to na dúvida se coloco trança, cabelo orgânico ou se paro com a transição, espero que eu consiga levar isso pra frente até porque não sabemos os danos à saúde que o alisamento causam à longo prazo. Parabéns pra quem conseguiu passar por isso e força pra quem ta passando ou pretende passar. E se você desistiu, ta tudo bem, o importante é você se sentir bem consigo mesmo	Imposição na infância, Dificuldade no processo e Apoio	

MC	1 ano	Esse tipo de cabelo eu acho horrível aliza esse cabelo menina vc vai até ficar mais bonita fica a dica.	Crítica	
VF	1 ano	Camilla vai fazendo a hidratação com amido de milho e leite de coco ou a fécula de mandioca de fazer tapioca com leite de coco e mistura com os teus cremes de hidratação. Eu faço e deixo de meia a 1h na touca, fica mara! Vai te ajudar muito. O óleo de rícino e coco natural também vai te ajudar nesse crescimento rápido, e uma queratina líquida vai te ajudar no fortalecimento também pra não quebrar tanto, eu uso uma vez no mês ou de 15 em 15 dias a Queratina brasileira da Novex, ela é boa e barata, deixo os 15min e depois hidrato normal. Beijo, força e não desiste!	Troca de conhecimento	
CB	1 ano	Eu já fiz várias coisas no meu cabelo, passei alisante e na hora gostei mas depois meu cabelo começou a quebrar muito e a cair. Daí fiquei na hidratação no salão, e, no final do meu contrato fiz a desintoxicação capilar. Depois comecei a fazer progressiva e realmente destruí meu cabelo completamente e caiu muito, quebrou muito, deixou meu fio elástico e ainda deixou meu fio com o tal do crescimento retardado, não gostei do resultado e meu cabelo realmente não crescia mais... Fiquei decepcionada Mas depois entrei na transição capilar e comecei a ver como era o meu verdadeiro fio e meu verdadeiro cabelo, através dessa transição descobri que meu cabelo não tinha problema de definição, e, me identifiquei muito com ele... Logo no começo da transição capilar, cortei meu cabelo (ficou apenas 4 dedos) e não me arrependo dessa atitude, continuei com a hidratação e meu cabelo (dentro de um ano) já estava no ombro, realmente gostei muito... E eu gostava muito de definição, mas meu cabelo não ficava com "aquele 'cacho perfeito' e foi aí" que decidi testar algo novo no meu cabelo... Comecei a fazer permanente ano passado no meu cabelo, gostei muito do resultado... O mais	Dificuldade no processo, Aceitação, Não seguiu com a transição	

		provável era para eu fazer de 6 em 6 meses,mas vou fazer de novo no final do ano mesmo(dezembro).Olha, gostei muito do resultado(meu cabelo não quebrou,nem caiu),e, eu admiro muito quem faz a a transição capilar(desejo pra vc Camilla que dê tudo certo nessa transição e gostei muito desse seu novo posicionamento #sou #sua #fã #tudo #de #bom #nessa #transição #tudo #vai #passar #negra #crespa		
R	1 ano	Nossos cabelos sempre serão julgados e o julgamento tem ligação intrínseca por sermos negras. Nos deixem livres! Para usar o cabelo como quisermos!	Reflexão	
AC	1 ano	Eu amei o vídeo e fico imensamente feliz por ter mais pessoas com essa mesma visão e opinião a cerca do relaxamento, permanente. Acho que a internet é sempre muito cheia da opiniões das pessoas e tudo bem, mas a maioria das vezes as pessoas quer impor em nós aquilo que eles mesmo vivem e pautam como “o correto”. Eu sempre amei cabelo cacheado e cresci fazendo relaxamento e depois fiz o permanente, mas só depois que aprendi sobre mim mesmo e me desfiz daquilo que as pessoas falavam que eu realmente me senti segura para passar pela transição definitiva. Estou desde fevereiro sem aplicar química tbm e estou me sentindo super bem tbm! Espero que você se sinta livre pra ser quem realmente é e se isso permanecer continue compartilhando, eu vou amar ter mais pessoas passando pela transição e compartilhando sobre isso. Beijo	Identificação, Aceitação	
SO	1 ano	Estou a 6 meses na transição, e minha família n entende, minha mãe fala que as oportunidades de emprego vão diminuir por causa do meu cabelo e que após eu terminar a transição eu tenho que relaxar pois se n vai ficar com muito volume ou Black (oque ela acha feio) e meu pai que tem o cabelo 4c fala que n acha meu cabelo é bonito, mostrei recentemente um vídeo de uma menina que venceu a transição e ele perguntou se meu cabelo ia	Dificuldade no processo	

		ficar tão bonito quanto o dela. Estou feliz pois agora eles estão aceitando. Minha mãe compra vários produtos pro meu cabelo.		
RS	1 ano	Acho sinceramente que devemos fazer o que quiser com o cabelo, porque parece que saímos de uma ditadura de beleza e opressão e entramos em outra, alisava pra se parecer com branco, agora têm que manter natural pra ser negro! eu heim! sem falar que existe uma pressão muito grande pra manter o cabelo super definido.	Reflexão sobre os processos de imposição nos cabelos	